



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

INSTITUTO DE CULTURA E ARTE

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**O DISCURSO FEMINISTA NO BLOG *ESCREVA LOLA ESCREVA*: A
CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS E DO *ETHOS***

LARISSA SOUSA SILVA

FORTALEZA

2013

LARISSA SOUSA SILVA

**O DISCURSO FEMINISTA NO BLOG *ESCREVA LOLA ESCREVA*: A
CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS E DO *ETHOS***

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Raimundo Nonato de Lima.

Fortaleza

2013

LARISSA SOUSA SILVA

**O DISCURSO FEMINISTA NO BLOG *ESCREVA LOLA ESCREVA*: A
CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS E DO *ETHOS***

Esta monografia foi submetida ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Aprovada em ____/____/____.

Monografia apresentada à Banca Examinadora:

Prof. Raimundo Nonato de Lima (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof.^a Maria Silvana Militão de Alencar (Membro)
Universidade Federal do Ceará

Prof.^a Maria Aparecida de Sousa (Membro)
Universidade Federal do Ceará

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus e aos meus pais, Maria Luiza e Aladim.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que dedicaram (e ainda dedicam) as suas vidas aos meus estudos desde quando eu era criança. Aos meus irmãos e às minhas primas que não moram comigo, mas que contribuíram com a minha formação pessoal e escolar ainda no Ensino Fundamental.

A todas as pessoas que sempre acreditaram na minha capacidade de enfrentar os obstáculos da vida. Aos meus professores da Universidade, em especial ao meu orientador, o professor Nona Lima, que tanto me deu apoio metodológico quanto psicológico nas etapas dessa pesquisa.

Aos meus amigos e amigas da escola, da faculdade e da vida que sempre me motivaram e dividiram momentos especiais comigo. Em especial ao meu grupo de amigos do curso: Raissa Sampaio, Thaís Brito, Marcella Macena, Fernanda Valéria, Marcello Soares, Vandecy Dourado, Nathanael Filgueiras e Clarissa Augusto. Sem eles eu não teria chegado até este grande dia, porque é quando mais eu preciso deles, que mais eles mais estão por perto. Enfim e mais especialmente a Deus por me proteger e me ajudar nos momentos mais difíceis da minha vida.

RESUMO

O presente trabalho faz um estudo do discurso produzido por Lola Aronovich, dona do maior blog feminista do Brasil, o *Escreva Lola Escreva*, ao longo de seis anos. Bem mais do que o estudo das estruturas linguísticas, a Análise do Discurso vem propor as relações entre o sujeito, a história, a ideologia e o inconsciente no estudo da língua. Uma análise que também leva em conta o contexto situacional na significação e não só o que está explicitamente mostrado no texto. Dentro da proposta de entender o discurso feminista, a pesquisa mostra como um blog que nasceu com o intuito de ser um diário virtual se transformou em um ambiente de discussão e organização de pessoas, em especial as mulheres, na luta por uma causa e também um local de compartilhamento de experiências. Mostra-se com quais recursos o discurso da autora do blog é fortalecido ou modificado ao longo da existência da página virtual por meio do cruzamento de discursos (interdiscursividade), textos (intertextualidade), e vozes (polifonia), com destaque para a ironia. Propõe-se ainda o entendimento da construção do *ethos* da autora nos textos.

Palavras-chave: blog, discurso, feminista, interdiscursividade, *ethos*, ironia.

ABSTRACT

The present research studies the discourse produced by Lola Aronovich, owner of the biggest feminist blog in Brazil, “*Escreva Lola Escreva*”, for six years. More than a study of the linguistic structures, the Discourse Analysis comes up with relations between subjects, history, ideologies and the unconscious in language study. The analysis takes into account the situational context on the signification and not only what is explicitly shown in the text. Within the proposal of understanding the feminist discourse, the research shows how a blog created as a virtual diary became a space for discussion and organization of people, especially women, in a fight for a cause and also a place to share experiences. The research shows the means used by Lola to strengthen or modify her discourse along the existence of the blog by the cross of discourses, texts and voices, highlighting the irony. It is also proposed the understanding of the construction of the authoress' ethos.

Keywords: blog, discourse, feminist, interdiscursivity, *ethos*, irony.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. Capítulo 1- Conceitos centrais em Análise do Discurso	
1.1 Histórico da Análise do Discurso.....	12
1.2 A noção de sujeito em AD.....	13
1.3 Os conceitos de ideologia.....	15
1.4 O conceito de ideologia em Althusser.....	16
1.5 Formação ideológica.....	17
1.6 Os discursos na sociedade.....	17
1.7 O conceito de discurso em Foucault.....	19
1.8 Gêneros do discurso.....	21
1.9 A noção de ethos em Análise do Discurso.....	22
1.10 <i>Ethos</i>, fiador e incorporação.....	22
1.11 Interdiscursividade e Intertextualidade.....	24
1.12 Polifonia, captação e subversão.....	25
1.13 A ironia.....	26
2 Capítulo 2- Feminismo no Ciberespaço: um novo lugar de produção de sentidos	
2.1 O crescimento do ciberespaço.....	28
2.2 <i>MÍDIUM</i> ou suporte: constituinte do discurso.....	29
2.3 O digital.....	30
2.4 Redes sociais.....	31

2.5 Migração para a internet.....	32
2.6 Blog: uma fronteira entre o novo diário e a vida publicizada.....	34
2.7 Nova forma de leitura: o hipertexto digital.....	35
2.8 Os estudos sobre gênero nas teorias feministas.....	37
2.9 O feminismo: uma bandeira de luta.....	39
2.10 O(s) discurso(s) feminista(s).....	43
3 Capítulo 3- Análise do Discurso no blog <i>Escreva Lola Escreva</i>	
3.1 Quem é Lola Aronovich.....	47
3.2 O blog <i>Escreva Lola Escreva</i>.....	48
<i>Análise do corpus</i>	
3.3 METODOLOGIA	51
3.4 Do diário ao ciberativismo feminista.....	52
3.5 A metáfora da flor no discurso feminista.....	57
3.6 A construção do <i>ethos</i> no blog.....	62
3.7 Casos de paráfrase no blog.....	63
Conclusão.....	65
Referências.....	67
Anexos.....	70

Introdução

Os blogs surgiram na rede mundial de computadores há pouco mais de quinze anos (1995) e têm conquistado público de faixas etárias variadas. Apesar de ser um fenômeno ainda mais recente na blogosfera brasileira, essa rede social logo se popularizou. A partir de 1999 houve expansão no número de blogs graças aos serviços gratuitos para construção desse tipo de página. Essa rede social tem a característica da pessoalidade, mesmo que alguns blogs tragam como proposta outros temas, como o jornalismo ou o esporte. Nos últimos anos tem-se percebido o aparecimento de blogs de cunho ativista na rede que, segundo Vegh (2003, *apud* RIGITANO, 2003) são baseados no princípio do ciberativismo. Isso acontece quando há utilização da internet por movimentos politicamente motivados. Os blogs feministas na rede, um exemplo de página que se enquadra no perfil do ciberativismo, já somam mais de cem.

Como espaço pessoal, os blogs ganham “a cara” do blogueiro, que procura sempre adequar o conteúdo ao layout da página. Maingueneau (2010) caracteriza esse processo de montagem de cenografia. A página ganha características estilísticas que se relacionam não só ao assunto exposto, mas também à personalidade do autor, tudo isso dentro das limitações da plataforma na qual está inserido. O objeto de pesquisa do presente trabalho é o blog feminista *Escreva Lola Escreva*, da professora e doutora da Universidade Federal do Ceará Lola Aronovich. A escolha dessa rede social deu-se por ser ela um ambiente polêmico, visto ser o feminismo um movimento político e ideológico que ainda não é aceito por grande parte da sociedade e tenta se instaurar. O blog é um ambiente propício a debates, uma vez que o feminismo se opõe à lógica machista que ainda acomete grande parte da sociedade. O blog nasceu em 2008 com o propósito de ser apenas um diário virtual, mas que aos poucos foi transformando o feminismo no tema principal das postagens e ficou conhecido nacionalmente pelo caráter feminista.

A pesquisa propõe analisar o discurso apresentado nos seis anos de existência do blog (do período de 2008 a 2013), com foco em seis textos comemorativos do Dia Internacional da Mulher. É nesse dia que a mulher está em evidência em jornais, revistas e anúncios publicitários, além de o mercado também lucrar com esta data. Na análise, cabe compreender quais aspectos são recorrentes nos jogos discursivos apresentados por Lola ao longo de seis anos, assim como os processos ideológicos que

sustentam a construção e a propagação desse discurso. Analisar-se-á ainda a interdiscursividade proposta por Bakhtin (2002) e a intertextualidade. Para entender esse discurso ao longo dos anos é preciso identificar a construção da imagem da enunciadora desse discurso. Por isso a pesquisa também abrange os estudos sobre *ethos*, conceito presente tanto em Maingueneau (2001) quanto em Amossy (2011). Para responder a essas questões e a outras que vierem a surgir, o trabalho a seguir é dividido em três capítulos. O primeiro faz um apanhado da História da Análise do Discurso de linha francesa, que teve início com os estudos de Pêcheux. A discussão é embasada principalmente nas contribuições de Maingueneau (2001) para a área. O segundo capítulo é subdividido em duas partes: na primeira, faz-se uma apresentação dos principais conceitos do mundo virtual, que passaram a ser estudados aprofundadamente a partir das pesquisas de Lévy (1996), principalmente com relação às especificidades na mudança de como a leitura é feita com a migração do texto tradicional (em papel, em leitura linear) para a web, fazendo surgir o hipertexto digital. A pesquisa também se sustenta nos estudos de Recuero (2009) sobre redes sociais na internet.

Na segunda parte do segundo capítulo, há a apresentação das fases do feminismo juntamente com as afirmações de Butler (2010) sobre a passagem dos estudos de sexo para os estudos de gênero na teoria feminista. Adiante se apresentam os desdobramentos do feminismo hoje, principalmente, quando o discurso feminista ganha força na internet por meio do ciberativismo. No terceiro e último capítulo é feita a análise do discurso do blog *Escreva Lola Escreva* baseada no que foi discutido nos primeiro e segundo capítulos.

Tendo exposto as partes em que o trabalho será apresentado, é hora de começar a entender os jogos discursivos e os processos ideológicos que estão muito além do que se pode ver, mas naquilo que é silêncio e, muitas vezes, diz mais do que o que está materializado no texto. A pesquisa se faz importante na medida em que os blogs vêm assumindo um papel importante na blogosfera brasileira, principalmente, aqueles que contestam o *status quo* (a forma de governo ou a religião predominante). São páginas que fornecem um espaço democrático, na medida do possível, ao colocar em contato opiniões de pessoas que antes só poderiam unir-se fisicamente e também ao dar a voz a qualquer cidadão. Estudar o discurso propagado por um desses pólos de emissão liberado no ambiente da internet é dar um passo nos estudos da Análise do Discurso, mas também na Cibercultura.

1 Capítulo 1 – Conceitos centrais em Análise do Discurso

Neste capítulo será abordada a história da Análise do Discurso de linha francesa bem como alguns conceitos fundamentais que serão utilizados no estudo, como interdiscursividade e *ethos*. A contribuição dos estudos de Pêcheux, Maingueneau e Bakhtin são fundamentais nesse capítulo inicial no que diz respeito ao sujeito e ao discurso. Althusser e Fiorin embasam os conceitos acerca de ideologia e formação ideológica. A pesquisadora Amossy traz as considerações sobre a construção e incorporação do *ethos*. Neste capítulo, pretende-se situar a Análise do Discurso como o método que será utilizado para encontrar as respostas às questões propostas no estudo do discurso do blog *Escreva Lola Escreva*.

1.1 Histórico da Análise do Discurso

A Análise do Discurso possui duas correntes: uma americana e outra francesa. Nos anos 50, os trabalhos de Harris passaram a estudar procedimentos da Linguística distribucional americana aos enunciados, não se restringindo meramente à frase. Essa teoria aplicava procedimentos de análise de unidades da língua aos enunciados. Segundo Brandão (1995), a teoria do discurso americana é uma continuação da Linguística e analisa a frase e o texto diferenciando-os apenas em graus de complexidade. Por mais que “a gramática se enriqueça e ganhe nova orientação com questões colocadas pela Pragmática e pela Sociolinguística, não se processa uma ruptura fundamental, pois a questão do sentido continua sendo tratada, essencialmente, no interior do lingüístico.” (BRANDÃO, 1995, p. 16)

De outro lado, estavam os estudos sobre enunciação de R. Jakobson e E. Benveniste na Europa. Nessa nova teoria do discurso, existe uma relação entre o dizer e as condições de produção desse dizer, além da análise de unidades mais complexas da linguagem. É a Análise do Discurso de linha francesa, que nasceu por volta do final dos anos 60, na França, em meio há uma série de acontecimentos na Europa. Os anos 60 ficaram conhecidos pelas inúmeras revoluções e também pela atuação dos rebeldes, como nos movimentos dos estudantes, em 1968, em Paris. O mundo acabava de sair da Segunda Guerra Mundial, e a Guerra Fria colocava na mão de dois países (Estados Unidos e União Soviética) o destino das outras nações. Deu-se início, então, a uma corrida armamentista nunca antes vista.

Esse turbilhão de mudanças também chegou ao campo epistemológico e pôs em questionamento os saberes existentes, chegando à linguagem. Nesse campo, antes imperavam as ideias sausserianas. Sausurre colocava a língua no centro dos estudos e desconsiderava a fala, o sujeito e as relações sociais das discussões linguísticas. Era um estudo focado na “linguística da língua”, e a linguagem era vista como um sistema de signos neutros. Foi em 1969, que o fundador da Análise do Discurso, Michel Pêcheux, elegeu o discurso como objeto de estudo e passou a considerar outros fatores na reflexão sobre a língua, como o sujeito, a história, a ideologia e o inconsciente. Para Pêcheux, o discurso não se confunde com a língua nem com a fala nem com a simples transmissão de informações. “É acontecimento que articula uma atualidade a uma rede de memória [...]. Todo discurso é índice de agitação nas filiações sócio-históricas” (PÊCHEUX *apud* GAMA *et al.*, 2002, p.45).

Orlandi (1994) afirma ser a descoberta da Análise do Discurso (AD) o acontecimento teórico mais importante depois do estruturalismo na França, uma vez que essa nova área do conhecimento é criada para ser também um instrumento de luta política. Foucault, assim como Althusser, são influenciadores desde o nascedouro da Análise do Discurso com os conceitos de discurso e ideologia, respectivamente. Mas a AD surgiu com dupla filiação: de um lado, Jean Dubois passou do estudo da frase para o enunciado e aliou a questão do sujeito falante ainda ao psicológico, enquanto do outro lado o filósofo Michel Pêcheux se distanciou dessa concepção psicológica e estabeleceu o discurso no seio das relações sociais do homem, e a Linguística baseada na ideologia e na história. Segundo Orlandi (1983), no tipo de análise adotada por Pêcheux há uma reflexão teórica na articulação entre o linguístico, o histórico e o social, além de o texto ser observado como unidade significativa. “Pensa-se aqui o texto não como unidade formal, mas pragmática, ou seja, aquela em cujo processo de significação também entra os elementos do contexto situacional” (ORLANDI, 1983, p. 107).

No Brasil, a consolidação dos estudos em AD parte de Eni P. Orlandi. Aqui alguns pesquisadores se mantiveram fiéis aos procedimentos teóricos de Pêcheux, outros, apesar de influenciados pelo criador, estabelecem interlocuções com a Nova História, com a Psicanálise e com o Materialismo Histórico. Utiliza-se na pesquisa a seguir a Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux e influenciada pelos estudos de Foucault e Althusser.

1.2 A noção de sujeito em AD

Tão importante quanto entender o discurso, é conhecer de onde vem aquilo que é dito, o sujeito que assume a responsabilidade das referências sobre tudo o que é falado/escrito. Como dito acima, Pêcheux se distanciou da proposta psicanalítica, que trabalha o inconsciente na formação do sujeito, embora se perceba que, nos últimos anos, ele se aproximou cada vez mais dessa visão. Isso porque ele passou a perceber no sujeito, bem como na língua, uma falha constitutiva, de caráter estrutural. Dessa forma, o sujeito pode irromper na língua por meio do *non-sens* do inconsciente. Logo, os estudos de Pêcheux passaram a considerar ideologia e inconsciente como pares de trabalho, embora fossem de ordens diferentes. Por exemplo, enquanto o inconsciente é da instância do não-sentido, a ideologia se inscreve na ordem do sentido, o que não significa que não haja participação do inconsciente na efetivação da ideologia. Para Gregolin e Sargentini (2008), a ideologia forma o “sujeito-centro-sentido”, mas nesse ritual há falhas (lapsos), e é aí que surge o não-sentido do inconsciente. Essa inserção não quer dizer que existam dois sujeitos, e sim um só “cindido na sua estrutura”. (2008, p. 53)

Então, pode-se concluir que, nas enunciações discursivas, o sujeito do discurso é sujeito em três dimensões:

O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, interpelação que o identifica a um grupo (qualquer que seja a extensão desse grupo), partícipes de uma mesma formação ideológica; é também o sujeito singular que se manifesta nos lapsos do inconsciente, movido pelo desejo; e é, ainda, o sujeito produzido por modos de objetivação sobre os indivíduos em uma dada cultura, modos nos quais estão imbricadas determinadas formas de poder. (GREGOLIN e SARGENTINI, 2008, p. 51)

A relação do sujeito com a língua é estruturante da subjetividade. Não é possível não notar na fala o desejo do inconsciente, juntamente com os outros discursos sobre a língua constituídos na historicidade. Nesta relação do sujeito com a língua, Foucault propõe o termo *alteridade*, que mais do que o discurso do outro pode ser definido como “instância externa ao sujeito e que o constitui” (2008, p. 54). Foucault *apud* Gregolin e Sargentini (2008) aponta três processos pelos quais os indivíduos se tornam sujeitos. Esses processos se desenvolvem em duas frentes e, assim, dão dois sentidos para o termo sujeito: “a subjetivação a alguém por controle e dependência e a subjetivação a sua própria identidade pela consciência e autoconhecimento” (2008, p. 55). São assim impostas formas de individualidade e também formas de se inserir na sociedade como indivíduo. Ao analisar um discurso, deve-se perceber o sujeito se subjetivando, assumindo posições determinadas em relação às línguas que o habitam.

1.3 Os conceitos de Ideologia

O conceito de ideologia assumiu vários significados ao longo da História, e ainda hoje, é controverso e causa dúvidas. Segundo Chauí (2000), Marx descobriu que temos a ilusão de estarmos pensando e agindo com nossa própria cabeça e por nossa própria vontade, racional e livremente, de acordo com nosso entendimento e nossa liberdade, porque desconhecemos um poder invisível que nos força a pensar como pensamos e agir como agimos. A esse poder, que é social, ele deu o nome de “ideologia” (CHAUÍ, 2000, p. 63). Dessa forma, em Marx, no século XIX, o termo aparece pejorativamente. Essa visão vem dele condenar os filósofos alemães de não buscarem uma ligação entre a filosofia alemã e a realidade alemã. Assim, Marx define ideologia separando a produção de ideias das condições sociais e históricas em que são produzidas. O conceito de ideologia em Marx está totalmente vinculado à crítica ao sistema capitalista e à ideologia da classe dominante. Brandão (1995) mostra que, para Marx, a ideologia é ilusão, abstração e inversão da realidade, já que ela coloca os homens e suas relações de cabeça para baixo como quando ocorre refração da imagem em uma câmara escura. “Metaforicamente, essa inversão da imagem, isto é, o descer do céu para a terra em vez de ir da terra para o céu que ele [Marx] denuncia nos filósofos alemães, representa o desvio de percurso que consiste em partir das ideias para se chegar à realidade” (BRANDÃO, 1995, p. 20).

Fiorin (1993) trata a ideologia vinculada às análises de Marx e Engels, pioneiros nos estudos sobre a ideologia. Para explicar o que seria ideologia, ele distingue dois tipos de realidade: uma de essência e outra de aparência. Se se sai do nível de circulação de bens (aparência) e se vai para o de produção (essência), pode-se perceber que as relações entre patrões e empregados não são igualitárias. Segundo o autor, isso acontece porque o que o proletariado vende não é o seu trabalho, mas sim a sua força de trabalho. Há então um trabalho excedente não-pago, o sobrevalor produzido e apropriado pelo capitalista. O salário aparece como o pagamento do trabalho e não da força do trabalho, o que faz com que as relações entre as classes sociais pareçam igualitárias. Define-se, então, ideologia como “esse conjunto de ideias, essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens”. (FIORIN, 1993, p. 28). Para Fiorin (1993), o que o capitalismo faz é mascarar a sua essência:

Tudo isso denota que, no nível fenomênico, a realidade põe-se invertida. O que no fundo são relações de exploração (apropriação do

valor gerado por um trabalho não-pago) aparece como troca; opressão, como igualdade; a sujeição, como liberdade. As relações que, no nível de superfície, apresentam-se como relações entre indivíduos são, no nível de essência, uma relação entre classes sociais, uma que se apropria do valor produzido pelo trabalho não-pago e outra que vende sua força de trabalho e é espoliada. As relações igualitárias de troca existem apenas no nível fenomênico. (FIORIN, 1993, p. 27)

Fiorin mostra ainda que a ideologia ou “falsa consciência” é determinada pelo nível econômico. Mas isso não quer dizer que ela seja um mero reflexo desse poder, já que cada um possui suas próprias leis de funcionamento. O modo de produção determina as ideias e os comportamentos dos homens. Ou seja, “não existe uma determinação direta e mecânica da economia, mas uma determinação complexa” (1993, p. 31). Isso porque o nível econômico determina os modos de produção. Os últimos é quem direcionam as ideias dos homens, consequentemente, a ideologia.

1.4 O conceito de ideologia em Althusser

Mas, como já dito, foram os estudos sobre ideologia de Althusser que influenciaram Pêcheux na formulação da teoria francesa da Análise do Discurso. Em seu ensaio “Aparelhos Ideológicos do Estado”, o autor afirma que para manter a sua dominação, a classe dominante gera mecanismos de perpetuação da sua força. É aí que entra o Estado, que a partir de seus Aparelhos Repressores –ARE– (a Administração, o Governo, o Exército, as prisões, a polícia) e Aparelhos Ideológicos –AIE– (a escola, a família, o Direito, a política), utiliza a força física e a força ideológica para dominar os cidadãos, respectivamente. Pode também ser a força física usada pelos AIE, e a ideologia pelos ARE, mas em menor escala. Althusser elabora três teses para explicar a dominação por parte desses aparelhos:

1– “a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência”: aqui Althusser se opõe à visão simplista de que a ideologia é a representação mecânica da realidade. Para ele, a ideologia é a maneira de como os homens vivem a sua relação com as condições materiais de existência. Uma relação imaginária, já que “toda ideologia representa, em sua deformação necessariamente imaginária, não as relações de produção existentes [...] mas, sobretudo a relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção e demais relações daí derivadas” (ALTHUSSER, 1987, p. 88). Vale lembrar que o imaginário não

corresponde ao irreal, mas sim ao conjunto de representações simbólicas que os indivíduos fazem da sua relação com a realidade concreta.

2 – “a ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas”: as representações imaginárias não têm uma existência espiritual, solta, mas são moldadas e concretizadas nos aparelhos ideológicos do estado e em suas práticas.

3 – “a ideologia interpela indivíduos em sujeitos”: por meio do mecanismo de interpelação, a ideologia recruta os indivíduos a virarem sujeitos. Os indivíduos são então, conduzidos, sem se dar conta, a ocupar o seu lugar na cadeia de produção. A ideologia tem a função de conduzir a auto-sujeição dos indivíduos.

1.5 Formação ideológica

Os conceitos de formação discursiva (FD) e formação ideológica (FI) são evidentes em AD quando se analisa a articulação da ideologia com o discurso. Isso porque o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza. As formações ideológicas são representadas pela via de práticas sociais concretas, no interior das classes em conflito, dando lugar a discursos que põem à mostra as posições em que os sujeitos se colocam/são colocados.

Para Fiorin (1993), uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social. Existe em uma formação social, tantas formações discursivas quanto forem as formações ideológicas. Fiorin segue a linha de estudos de Marx no que diz respeito à relação entre ideologia dominante e classe dominante. O autor também acredita não haver pensamento que não esteja vinculado ao quadro da linguagem. “As visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem. As ideias e, por conseguinte, os discursos são expressão da vida real e a realidade exprime-se pelos discursos” (1993, p.33). Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva impõe o que dizer. O conceito de formação discursiva foi concebido por Foucault e será discutido a seguir (1.7).

1.6 Os discursos na sociedade

Na sociedade, o termo discurso vem assumindo vários significados ao longo dos tempos, podendo até eles conviverem juntos em uma mesma época (como acontece hoje) e serem utilizados sob perspectivas diferentes. O termo discurso pode se relacionar aos enunciados oficiais, como quando um político fala à população (o prefeito fez um discurso na praça principal), pode ter significado pejorativo, quando relacionado a falas sem importância (“isso que ela fala é só discurso!”) e pode também significar o uso restrito de uma língua (“discurso americano”, “discurso polêmico”). Nesse último caso, o emprego do termo é ambíguo, pois pode designar tanto o conjunto de textos produzidos como o sistema que produz esses textos. Nas ciências da linguagem, o discurso recebe influências de correntes das ciências humanas reunidas sob a nomeação de pragmática, que é além de uma doutrina, uma forma de apreender a comunicação verbal. Na maioria das vezes, ao utilizar o termo “discurso”, é a essa apreensão a qual se remete, embora o termo possa ser vinculado tanto a textos escritos quanto a orais. Outros conceitos também devem ser entendidos no estudo das produções verbais: o enunciado e o texto.

Assim como a maioria dos termos em Linguística, enunciado também possui vários conceitos. Em Análise do Discurso, o termo enunciado é mais utilizado opondo-se à frase. A frase pode apresentar uma variedade de enunciados conforme a quantidade de contextos em que ela figurar. Por exemplo, “Pare!” é uma frase se desvinculada de um contexto situacional. Porém quando a colocamos em uma rua ou com letras garrafais ou até mesmo com letras vermelhas, ela se transforma em um enunciado. Já texto traz a ideia do todo. É a apreensão de um enunciado em sua totalidade. São produções verbais orais ou escritas “estruturadas de forma a perdurarem, a se repetirem, a circularem longe de seu contexto original.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 57). Existe até mesmo um ramo da Linguística que estuda essa coerência: é a Linguística textual.

Para Maingueneau (2008), o discurso proferido por meio da fala assume algumas características. A primeira delas é o fato de ele ser uma organização para além da frase, ou seja, ele mobiliza estruturas de outra ordem. O discurso também é orientado, pois se desenvolve no tempo, segue em função de uma finalidade e se desenvolve de maneira linear. Essa linearidade é monitorada por palavras/expressões (“voltemos ao assunto”, “como dito anteriormente”) do enunciador que tentam a todo instante retomar a direção do enunciado. O discurso é assumido por um sujeito, já que é esse EU que se coloca como fonte de referências, podendo também atribuir a

responsabilidade do enunciado a outra pessoa. O discurso é uma forma de ação sobre o outro, pois visa alguma modificação no destinatário. O discurso é contextualizado, uma vez que para ele existir precisa estar situado em um contexto. “O ‘mesmo’ enunciado em locais distintos corresponde a dois discursos distintos” (2008, p. 54). Esse discurso pode também definir o contexto, como quando, por exemplo, duas amigas conversam sobre a amizade entre elas e minutos depois decidem assumir-se na posição de suas profissões (jornalista e dentista).

O discurso está inserido em um interdiscurso, pois ele só adquire sentido quando relacionado a outros discursos. Abordaremos adiante (tópico 1.11) o conceito de interdiscursividade. O discurso é interativo, e é por isso que vamos admitir a palavra coenunciador ao invés de destinatário no processo de comunicação. Isso porque no caso dos enunciados orais, como duas pessoas estão mobilizadas, não existe um sentido único na comunicação e os dois envolvidos expressam suas ideias. Logo, os dois parceiros do discurso são coenunciadores. Por fim, o discurso é regido por normas, na medida em que precisa justificar-se, de uma maneira ou de outra, seu direito de apresentar-se da forma como se apresenta. O simples ato de falar pode implicar que o coenunciador ignore ou responda.

1.7 O conceito de discurso em Foucault

Os estudos do filósofo Michel Foucault tornaram-se base para muitos dos pesquisadores que estudam a Análise do Discurso. As principais ideias de Foucault e conceitos como *discurso* e *formação discursiva* (FD) foram absorvidos por Pêcheux na construção da teoria do discurso. Foucault *apud* Brandão (1995) entende o discurso como um conjunto de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva. Entende-se a formação discursiva, na AD, como a articulação entre a língua e o discurso. É um espaço no qual os enunciados são reformulados num esforço de “fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade” (BRANDÃO, 1995, p. 39). É ela (FD) que determina o que pode e deve ser dito numa formação ideológica dada, a partir de uma posição e numa conjuntura sócio-histórica dadas. É a formação discursiva a responsável pelo assujeitamento dos indivíduos em sujeitos de seu discurso.

Quanto ao conceito de enunciado, Foucault, assim como Maingueneau, opõe esse conceito ao de frase, sendo a última constituída como unidade básica da

Linguística. Já o enunciado, é a unidade básica e elementar na formação do discurso. Logo, “um discurso é um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva” (FOUCAULT *apud* BRANDÃO, 1995, p. 28).

Para explicar a mudança na importância que a humanidade dá ao discurso, Foucault (2008) analisa o discurso ao longo dos séculos. Começa citando os três grandes sistemas de exclusão que atingiram e atingem o discurso externamente: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade. Primeiro, afirma que na sociedade não temos o direito de falar sobre tudo, nem em qualquer circunstância: são os famosos tabus, principalmente, aqueles envolvendo a sexualidade, embora hoje muito já tenha se modificado nesse aspecto.

Depois Foucault opõe a loucura à razão. Na Idade Média, o discurso dos loucos sempre foi visto sem importância, não podendo testemunhar na justiça, muitas vezes, sendo atribuído a poderes estranhos, como o dom de prever o futuro. Na Europa, a palavra do louco ou era ignorada ou era ouvida como verdade. Só a partir do final do século XVIII foi que a palavra do louco passou a ser ouvida com maior cautela pela Medicina, pela Psiquiatria ou pela Psicologia, que passaram a estudá-la. Por último, o sistema de exclusão “vontade de verdade” apontado por Foucault entra em cena já a partir do século VII. Nos poetas gregos do século VI, o discurso verdadeiro era aquele que profetizava o futuro ou vinculado à justiça e ao poder, mas logo depois houve uma busca pela verdade.

Ora, eis que um século mais tarde, a verdade a mais elevada já não residia mais no que era o discurso, ou no que ele fazia, mas residia no que ele dizia: chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação a sua referência. (FOUCAULT, 2008, p.15)

Essa busca pela verdade se materializou e teve a ajuda de sistemas como a pedagogia, por meio do sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, dos sábios para se instaurar na sociedade. A busca pela verdade retirou a credibilidade do discurso vinculado ao desejo. Foucault (2008) ainda define o discurso como objeto de poder e desejo na sociedade. Ainda hoje quem tem o poder da palavra é “visto com bons olhos”. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação,

mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar” (2008, p. 10).

Também convém falar sobre os indivíduos que detêm o poder do discurso. Indivíduos que através de uma prática de ritual, são determinadas, para eles, “propriedades singulares e papéis preestabelecidos” (2008, p.39). São as “sociedades de discurso”, que entre suas funções está a conservação ou produção de discursos, mantendo a circulação deles em locais fechados, distribuindo-os seguindo regras sem que seus detentores sejam despossuídos ou prejudicados por essa distribuição. Para o autor, hoje não existem mais essas instituições com jogo de segredo, mas atenta para que ninguém se engane achando que os discursos estão livres de qualquer poder coercitivo. As edições, o modo institucionalizado de escrever e a personagem do escritor têm lugar em uma “sociedade do discurso”, embora difusa.

Quanto à apropriação dos discursos pelos cidadãos comuns ou apropriação social dos discursos, para o filósofo, a educação deveria ser um sistema democrático no que diz respeito ao acesso da população a qualquer tipo de discurso, mas na prática não é isso que acontece. Apesar de ser um direito do cidadão, a distribuição dessa educação é marcada pelas distâncias, oposições e lutas sociais. O que acontece é que cada sistema de educação é, para Foucault, usado como maneira política de modificar a apropriação dos discursos pelas pessoas, assim como os poderes que eles trazem.

1.8 Gêneros do Discurso

Todo texto está incluso em uma categoria do discurso, ou seja, pertence a um gênero do discurso (alguns preferem chamar de gênero textual). Embora a noção de gênero tenha vindo da retórica e da poética gregas antigas, essa noção é totalmente recente. Segundo Maingueneau (2010), entende-se por gênero do discurso, “dispositivos de comunicação sócio-históricos”. O termo gênero do discurso sempre esteve muito vinculado aos textos impressos. O problema é que nessa definição ficaram de fora textos como as cartas, os diários, os diálogos... Foi então que o conceito de “hipergênero” foi criado e veio enquadrar outros textos. Com o advento das práticas comunicacionais virtuais, as produções da internet também passaram a se enquadrar nessa nova concepção:

A noção de hipergênero pode ser útil para estudar as práticas comunicacionais na internet. Blogs, por exemplo, não podem ser

considerados gêneros. Na realidade, blog é uma categoria que atravessa categorias temáticas (pessoal, institucional, comercial, educacional) e impões rígidas restrições formais. Ele é uma espécie de hipergênero típico, cujas propriedades comunicativas são mínimas: alguém (com um nome próprio) fala sobre si mesmo(a) para alguém que esteja visitando seu website. (2010, p. 131)

Hipergêneros são textos que não se limitam sócio-historicamente e que podem ser utilizados em longos períodos e em diversos países. Esse é o caso do blog, plataforma digital que abriga o *corpus* da pesquisa. As questões vinculadas ao universo digital serão abordadas no próximo capítulo (II).

1.9 A noção de *ethos* em Análise do Discurso

A atitude de tomar a palavra implica a construção da imagem de um enunciador para um coenunciador. Essa imagem do autor construída é o que se conhece por *ethos*, termo que ganhou diferentes concepções ao longo da história. O termo *ethos* nasceu na Antiguidade e pertence à tradição Retórica, embora a Pragmática hoje reivindique essa herança. O *ethos* nasce representando uma forma de persuadir o público por meio da exaltação das qualidades do orador. Aristóteles defendia que esse poder de persuasão do discurso estava totalmente ligado ao caráter moral do orador. “Os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório.” (AMOSSY, 2011, p. 10). Logo, o *ethos* reórico tem muito a ver com a persuasão e está voltado para os enunciados orais. O homem deveria, em seu discurso, dizer o quão bom ele é para conseguir adesão.

A introdução do termo *ethos* nas ciências da linguagem veio com a teoria polifônica de Ducrot, na qual ele afirma (e contradiz os clássicos) que não são as afirmações autoelogiosas do enunciador que vão convencer o público, mas sim a entonação ou a aparência que ele confere. É o próprio enunciado que deve dar as dicas sobre o autor da enunciação. Ao contrário, para o autor, os autoelogios podem assustar os ouvintes e até fazê-los duvidar da credibilidade das palavras.

1.10 *Ethos*, fiador e incorporação

A Análise do Discurso veio também mudar a noção retórica de *ethos*, que passou a cobrir outros quadros que não só o da argumentação. Maingueneau (2008) chega a criticar a própria tradução do termo *ethos* para o português, que significa “caráter”. O autor estudou a noção de *ethos* em direções que vão além do quadro argumentativo. A questão desse estudo é que muitos textos não são voltados ao fim argumentativo e

mesmo assim conquistam um público grande. Quando se tratam de discursos como o da publicidade ou o da política o processo de adesão é óbvio. Diferentemente de outros textos com caráter mais funcional e que mesmo assim têm adesão das ideias por parte dos leitores. Nessa nova reformulação do *ethos*, Maingueneau o define como “a personalidade do enunciador revelada por meio da enunciação” (p. 98). Esse *ethos* não diz respeito apenas, como na retórica antiga, aos enunciados orais, mas também aos escritos.

A essa ação do *ethos* sobre o coenunciador deu-se o nome de incorporação. Segundo Maingueneau (2008), os textos escritos possuem um *tom* que dá autoridade ao que é dito. O *tom* permite construir uma representação do corpo do enunciador (não o corpo propriamente dito). A leitura faz então surgir uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito. Um enunciado é colocado como verdadeiro, graças à responsabilidade do enunciador em dizer aquilo, em colocar-se como fiador da sua veracidade. “O discurso só é discurso enquanto remete a um sujeito, um EU, que se coloca como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais, e ao mesmo tempo, indica que atitude está tomando em relação àquilo que diz e em relação a seu coenunciador.” (2008, p. 55).

Ao fiador, que é construído a partir de indícios textuais, estão associados um caráter e uma corporalidade, que são o conjunto de determinações psicológicas e a maneira de se vestir e de se movimentar no espaço social, respectivamente. Logo:

A noção de universo de sentido proporcionado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* como pelas “ideias” que transmite; na realidade, essas ideias se apresentam por intermédio de uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser, à participação imaginária em uma experiência vivida. (MAINGUENEAU, 2008, p. 99)

E não é necessário que o falante explicita as suas qualidades ou que detalhe a sua personalidade. A competência linguística e o modo de falar já dão uma ideia de quem essa pessoa é. Até mesmo no momento que precede as palavras do enunciador já se constroem representações do *ethos*. “De fato, mesmo que um coenunciador não saiba nada previamente sobre o caráter de um enunciador, o simples fato de que um texto pertencer a um gênero do discurso ou a certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*.” (DUCROT *apud* AMOSSY, 2011, p. 71). Ducrot *apud* Amossy (2011) nomeia esse processo de “*ethos prévio*” ou “*ethos discursivo*”. No

caso dos textos escritos, quando uma pessoa abre um livro, o fato de ela saber que o texto possui certo posicionamento ideológico já cria uma imagem (e expectativa) sobre o *ethos* do enunciador. Mas na pesquisa não pretende se focar no *ethos prévio*.

Ainda segundo Maingueneau, esse processo de incorporação se dá em três etapas: na primeira (1), o coenunciador confere um *ethos* ao seu fiador graças à enunciação; na segunda (2), o coenunciador incorpora esquemas (ideias) que definem uma forma específica de se inscrever no mundo, e na última (3), há o resultado das duas primeiras incorporações, formando um “corpo” dos que participam da adesão ao mesmo discurso, uma comunidade imaginária. O *ethos* não se incorpora à pessoa física, mas sim à instância subjetiva (fiador) que se forma no texto.

1.11 Interdiscursividade e Intertextualidade

A obra do linguista russo Mikhail Bakhtin é voltada para o estudo do dialogismo, definido como a relação entre os discursos. Fiorin (1994), um dos estudiosos da obra de Bakhtin, afirma que o dialogismo nasce da ideia de que nós, homens, não temos a relação direta com a realidade. Quem faz a mediação com a realidade é a linguagem. Logo, não se pode ter a experiência de um dado puro. “Isso quer dizer que o real se apresenta para nós semioticamente, o que implica que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo” (FIORIN *apud* BRAIT, 2012, p 167). A questão do interdiscurso aparece com o nome de dialogismo e é um dos conceitos centrais nos estudos de Bakhtin.

Bakhtin é defensor de que o discurso não tem total originalidade e é construído em vista de outro. É aqui que aparece o conceito de interdiscursividade. Mas essa interdiscursividade não aparece em nível de significante, já que o termo *interdiscursividade* não está presente nas obras do autor. Esse termo se refere à relação que um texto (discurso) tem com outros textos (outros discursos). A interdiscursividade é o caráter principal do texto, já que para Bakhtin, todo texto é atravessado por outros anteriores. Isto é, o texto sempre “fala” o que já foi falado (escrito, expresso).

Já o conceito de intertextualidade, na obra de Bakhtin, é praticamente inexistente. Foi com Kristeva, por volta dos anos 60, durante o estruturalismo francês, que esse conceito surgiu. Para Bakhtin a intertextualidade é a incorporação de um texto em outro. É um “diálogo” entre os textos. Na intertextualidade vê-se necessário um

conhecimento prévio por parte do leitor acerca do assunto, pois só assim ele pode identificar fatores de textualidade como a referência explícita (citação de trechos) ou implícita a outros textos, englobando os textos orais, escritos, visuais, como o cinema e as artes plásticas, a música, a propaganda etc. Fica reservada à intertextualidade, a materialização da relação discursiva em textos.

A intertextualidade pressupõe um universo cultural muito amplo e complexo, pois implica a identificação e o reconhecimento de remissões a obras ou a textos e trechos conhecidos, além de exigir do interlocutor a capacidade de interpretar a função daquela citação ou alusão em questão. Tanto a interdiscursividade quanto a intertextualidade dizem respeito à “presença de duas vozes num mesmo segmento discursivo ou textual”. Mas a interdiscursividade não implica a intertextualidade, embora o contrário seja verdadeiro, “pois, ao se referir a um texto, o enunciador se refere, também, ao discurso que ele manifesta.” (FIORIN, 1994, p. 35)

1.12 Polifonia, captação e subversão

Muitas vezes, utiliza-se o termo dialogismo com o mesmo significado de polifonia. Mas Bakhtin (2002) usa o conceito de polifonia para definir a forma de um tipo de romance que se contrapõe ao romance monofônico, enquanto dialogismo, como já foi explicado, é o princípio constitutivo da linguagem. Nos textos monofônicos, as vozes aparecem ocultadas sob a aparência de uma única voz. Já na polifonia, as vozes se mostram. “A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski.” (BAKHTIN, 2002, p. 4). Dostoiévski é, para Bakhtin, o criador do romance polifônico.

Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir. (BARROS *apud* FIORIN, 1994, p. 6)

A polifonia é, portanto, uma característica incontornável do ato de enunciação, que decorre da subjetividade e da intersubjetividade do discurso. São as vozes polêmicas em um discurso. A polifonia é então traduzida por Maingueneau como “quando, nos enunciados, várias vozes são percebidas simultaneamente” (MAINGUENEAU, 2008, p. 138). Um recurso muito utilizado nos discursos e onde a

polifonia também se faz presente é quando há “imitação” de um discurso por outro. Imitação que pode se servir de duas estratégias diferentes: a *captação* e a *subversão*. A captação acontece, segundo Maingueneau (2008), quando um discurso se apropria de outro, toma a mesma direção ou apropria-se do valor pragmático. Pode-se citar a publicidade, que usa muito outros discursos incorporados ao dela para vender, principalmente aqueles que reforçam estereótipos e são bem conhecidos, como é o caso do discurso proverbial. Já na subversão, o discurso apropriador tenta desqualificar o discurso apropriado. Um exemplo bem clássico dessa subversão é a paródia, quando um texto se apropria de características de outro para causar, na maioria das vezes, o lúdico.

1.13 A ironia

Mas existe também um tipo de subversão em que o enunciador não necessariamente se relaciona a outros textos. É o que ocorre na ironia. Este tipo de subversão é muito comum e está intensamente presente no *corpus* a ser analisado. No geral, a ironia ajuda a tratar temas pesados com um mínimo de leveza e humor e acontece “quando o enunciador subverte a sua própria enunciação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 175). Na ironia, o enunciador atribui adjetivos contrários ao que ele realmente quer expressar. Por exemplo, quando o enunciador se depara com uma situação difícil e não sabe como sair dela, mas fala: “Que situação agradável!”. Ele está expressando com as próprias palavras, a voz de outra pessoa.

Essa subversão provocada pelo enunciador pode ser produzida na enunciação oral por uma entonação específica ou na enunciação escrita por meio de alguns índices que marcam o distanciamento do enunciador e a voz de outra “pessoa” (reticências, palavras enfáticas, aspas). As reticências são uma estratégia de ironia na enunciação escrita, já que elas têm a função de marcar uma suspensão na frase, significam algo a mais, o que ficou por ser dito. No uso das aspas, o enunciador chama a atenção do leitor para aquela palavra, mostrando que ela não está sendo assumida com o real significado.

Maingueneau (2008) afirma ser ambígua a essência da ironia, já que não há uma definição clara entre o que é assumido e o que é rejeitado. “É próprio da natureza da ironia ser muitas vezes insolúvel, impedindo que o co-enunciador determine se o enunciador está ou não sendo irônico” (2008, p. 175). Logo, a enunciação irônica tem a característica de desqualificar a si mesma quando é proferida. E é nessa desqualificação da própria enunciação que a polifonia está presente:

Classifica-se tal fenômeno como um caso de polifonia, uma vez que esse tipo de enunciação pode ser analisado como uma espécie de encenação em que o enunciador expressa com suas palavras a voz de uma personagem ridícula que falasse seriamente e do qual ele se distancia, pela entonação e pela mímica, no instante mesmo em que lhe dá a palavra. (MAINGUENEAU, 2008, p. 175)

Portanto, na ironia, o enunciado proferido pelo enunciador é invalidado ao mesmo tempo em que fala, além de estarem presentes duas vozes: a voz do enunciador que encena e a voz de uma personagem, a quem o enunciador atribui a responsabilidade do enunciado.

2 Capítulo 2- Feminismo no ciberespaço: um novo lugar de produção de sentidos

Neste segundo capítulo serão abordadas questões sobre o ciberespaço, visto que atualmente, com possibilidade de digitalização das informações, há uma tendência à migração dos textos offline para o mundo virtual. As novas possibilidades de leitura nessa plataforma contribuem para o aparecimento do hipertexto digital e seguem aqui a linha de pensamento de Pierre Lévy. Também estão presentes levantamentos de Raquel Recuero sobre redes sociais, em especial o blog, objeto da pesquisa. A partir da metade do capítulo surge o tema feminismo. Traça-se um panorama conciso sobre os estudos das teorias feministas ao longo dos séculos segundo Butler. Em seguida, por se tratar de o objeto de pesquisa ser um blog feminista, o presente capítulo aborda a inserção de movimentos sociais na rede por meio do ciberativismo e as implicações dessa entrada.

2.1 O crescimento do ciberespaço

Até agora se falou dos enunciados orais, escritos e impressos. Mas nenhum desses tipos ainda se enquadra no *corpus* analisado: o blog. Foi com o advento das novas tecnologias da informação, sendo a internet o principal marco, que o ambiente de comunicação da pesquisa foi criado. A partir desse episódio, a forma de comunicação entre as pessoas passou a ter algumas mudanças consideráveis. Cabe aqui utilizar o termo *ciberespaço* proposto por Pierre Levy (2000) para definir “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores”. O termo é usado pelo autor como sinônimo de rede. A internet surgiu em 1969 sob o contexto militar. Isso aconteceu quando a Advanced Research Projects Agency (ARPA) criou a ARPANET, rede nacional de computadores, utilizada para estabelecer a comunicação em casos de emergência na guerra. O crescimento e a popularização do ciberespaço deram-se por meio de um movimento internacional de jovens ansiosos para experimentarem juntos formas de comunicação diferentes daquelas que a conhecida mídia clássica (jornal, rádio, TV) monopolizava. Foi o movimento californiano *Computer for the People*, que quis tirar das mãos de informatas o poder de cálculo dos computadores e colocá-lo na mão dos cidadãos. Graças a esse movimento “utópico”, a partir dos anos 70, os computadores já estavam acessíveis à população, que podia usá-los sem necessitar de assistência técnica.

Já nos anos 80 o número de assinaturas de internet cresceu aceleradamente. Nas universidades brasileiras a internet só chegou em 1992. Logo depois, em 1995, o primeiro jornal brasileiro online (JB Online) foi criado. Foi nesse período que outros serviços começaram a surgir na rede, como a possibilidade de declarar imposto de renda em 1998 e o IG, primeiro portal gratuito, em 2000. É interessante perceber que quando um novo meio se desenvolve, práticas, técnicas e valores são criados simultaneamente com o novo espaço. A esse conjunto de práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço/tempo Levy (2000) nomeou *cibercultura*.

Para o autor, nesse crescimento do ciberespaço, três princípios básicos nortearam sua expansão: a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Primeiro, a inexistência de interconexão impossibilitaria a origem do ciberespaço: a ligação entre os computadores. É a interconexão dos computadores “o imperativo categórico da cibercultura” (2000, p. 127) e também aquilo que possibilita a comunicação universal. Um fenômeno percebido pelos internautas graças ao crescimento das taxas de transmissão ao longo dos anos foi o sentimento de espaço envolvente ao invés de noções de canal. O segundo princípio apontado pelo autor são as comunidades virtuais, que são apoiadas na interconexão. As comunidades virtuais são formadas em torno de interesses iguais, projetos com afinidades ou em processos de colaboração e troca, e, graças à interconexão, independem das distâncias geográficas. Os integrantes dessas comunidades obedecem a uma *netiqueta*¹, o conjunto de regras que regulam o comportamento na internet. No geral, não são permitidos ataques pessoais, e as pessoas que o fazem, são excluídas pelos administradores da comunidade. Por último, o terceiro princípio, a inteligência coletiva. Cada ser humano possui um cérebro que se desenvolveu do mesmo modo que o das outras pessoas. Logo, há uma inteligência individual comum a todos os seres humanos (embora não idênticas) e há também a inteligência coletiva, que é moldada graças à cultura e às trocas. São os conhecimentos e valores transmitidos que formam o “caldo nutritivo e moral” da inteligência coletiva. Ou seja, a inteligência coletiva consiste em colocar no ciberespaço os saberes, as trocas e as energias espirituais daqueles que estão conectados a ele.

2.2 Mídium ou suporte: constituinte do discurso

¹ São as regras no ambiente virtual, como por exemplo, não falar sobre assuntos que não sejam discutidos na comunidade ou não fazer perguntas que já foram respondidas em tópicos anteriores.

Diferentemente do que se pensava antigamente, hoje se sabe que tão importante quanto o que está dito é também o suporte no qual a mensagem é transmitida. Segundo Maingueneau (2001), o *mídiu* ou suporte não é um simples meio de transmissão do discurso, tanto que a sua mudança pode alterar o próprio discurso. Foi principalmente com a chegada da informática e dos meios audiovisuais que a natureza e o modo de consumo dos textos foram alterados. Isso acontece devido à diversidade de dispositivos com que a internauta pode acessar o material, que podem influenciar diretamente na percepção do conteúdo. Por isso, o autor afirma que é necessário partir de um dispositivo comunicacional que integre logo de saída o *mídiu*. “O modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2001, p. 72).

O suporte também afeta a relação entre os envolvidos no processo comunicativo. Segundo Maingueneau (2001), o suporte ao qual o discurso é vinculado norteia a relação orador (aquele que emite a mensagem) e público (aquele que recebe a mensagem), que vem sofrendo algumas mudanças ao longo dos anos, já que o público não é mais constituído por uma “comunidade de ouvintes voluntários que se apresentam como um grupo frente a um orador, mas ouvintes dispersos e sem rosto, em relação aos quais já não é possível apresentar-se como orador.” (MAINGUENEAU, 2001, pg. 73). Isso se deve pela facilidade e praticidade que o locutor tem de chegar ao seu público de forma individual, seja pelo rádio, pela televisão ou pela tela do computador (agora indivíduos presentes em suas casas, quartos, salas). E a chegada das mensagens pela tela do computador só foi possível graças à digitalização das informações.

2.3 O digital

A inserção de informações no computador para a posterior comunicação entre os internautas (pessoas que utilizam a internet para pesquisar, conversar ou se divertir) foi permitida pela digitalização da informação: seja ela imagem, texto ou som. Digitalizar uma informação consiste em reproduzi-la em números. Por exemplo, uma imagem pode ser transformada em pixels ou pontos. Cada ponto é representado no computador por dois números que especificam as coordenadas sobre o plano e outros três números que se relacionam a intensidade dos componentes de cada cor. Essa digitalização apresenta algumas vantagens com relação aos outros suportes nos quais as mensagens circulavam anteriormente à criação do ciberespaço, como a facilidade de transmissão. A informação

digitalizada pode ser copiada e transmitida quantas vezes for necessário sem grandes perdas de informação. Diferentemente das informações gravadas de modo analógico, que são desgastadas todas as vezes que são copiadas ou transmitidas. O tamanho de um objeto pode ser reduzido em 17% do seu tamanho em uma foto digitalizada, isso porque as informações transformadas em números podem ser manipuladas facilmente. “A informação digitalizada pode ser processada automaticamente, com um grau de precisão quase absoluto, muito rapidamente e em grande escala quantitativa”. (LEVY, 2000, p. 52). Apesar dessa maior fluidez e leveza proposta pela digitalização, Levy (2000) atenta para a questão da referência que se faz constantemente entre digitalização e desmaterialização. Para o autor, não é bem assim que acontece. Quando uma imagem é digitalizada, a série de números faz uma descrição da foto e ela passa sim por uma desmaterialização, já que não se tem mais uma imagem bidimensional. Mas essa desmaterialização não ocorre totalmente, visto que a codificação da imagem precisa estar inscrita em um suporte físico. Essa imagem não é desvinculada da materialidade, apesar de ocupar menos espaço e pesar menos.

2.4 Redes sociais

Os indivíduos de uma sociedade se relacionam a todo instante e diariamente, seja logo de manhã bem cedo no elevador, num bate-boca no trânsito, no almoço com os amigos, em casa com a esposa e os filhos ou num jantar de negócios. É inerente à condição humana se relacionar com outras pessoas. Para Wasserman e Faust *apud* Recuero (2009) uma rede social é definida como um conjunto de atores (podem ser pessoas, instituições ou grupos; também conhecidos por nós) e suas conexões (interações ou laços sociais). Os estudos da sociedade sob o conceito de rede (agrupamentos complexos constituídos por interações sociais) têm sua origem vinculada a outras áreas. Antes do século XX os cientistas estudavam os fenômenos analisando cada uma de suas partes detalhadamente. Foi a partir do início do século passado que os estudos se voltaram para a análise do todo e da interação entre as partes.

Ludwing Von Bertalanffy em sua “Teoria Geral dos Sistemas” defendia que a perspectiva sistêmica partia da necessidade de conhecer os fenômenos na relação do todo, sem observar apenas as suas partes. Essa teoria foi fundamental para uma série de estudos em áreas como a física quântica, da cibernética e da matemática, na biologia, na educação e até na comunicação. A metáfora da rede foi utilizada pela primeira vez por

Leonard Euler por meio da *teoria dos grafos*. Como se pode ver, esses estudos foram iniciados por matemáticos, mas depois foram adotados por outros ramos das ciências sociais. Foi aqui que a sociedade a partir do conceito de rede começou a ser estudada. A proposta da abordagem era perceber os grupos de indivíduos conectados como rede social utilizando a teoria dos grafos para entender as propriedades estruturais e funcionais.

2.5 Migração para a internet

A abordagem de rede encontrou fôlego nos estudos dos agrupamentos sociais inseridos no ciberespaço. Quanto a essa inserção das redes sociais na internet, os estudos não foram marcados por um pensamento homogêneo. No início, enquanto alguns estudiosos viam a internet como um local onde todos viviam em harmonia e estavam dispostos na colaboração mútua, outros afirmavam que a comunicação mediada por computador esfriava as relações entre as pessoas. Segundo a pesquisadora Raquel Recuero (2009), a mais importante contribuição da internet para a sociedade foi a possibilidade de sociabilização por meio de ferramentas de comunicação mediadas por computador. Essas ferramentas permitiram que as pessoas deixassem, na rede de computadores, “rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais.” (RECUERO, 2009, p. 24). O estudo das interações e conversações deixadas nesses rastros na internet aprimorou os estudos de redes sociais a partir do início da década de 90.

Para Recuero (2009) os estudos de redes sociais na internet não podem ser tidos apenas como expressões de redes sociais off-line, apesar de a internet ser uma plataforma para onde os grupos sociais migraram. As relações que acontecem no ciberespaço são tão reais, sociais e humanas quanto as que acontecem no mundo próprio real, já que a internet é feita por essas pessoas, mas a estrutura das relações sociais na internet possui conexões diferenciadas, complexificações das relações face a face. Na internet, as redes sociais possuem alguns elementos próprios. Como há um distanciamento entre os atores devido a comunicação mediada pelo computador, o discernimento de quem são esses atores é um pouco mais complicado. O que existe, na verdade, são representações dos atores, que podem ser um blog, um fotolog, um twitter ou um perfil no Facebook. Um blog coletivo (escrito por várias pessoas) também é tido como apenas um nó. Um ator pode ser até mesmo representado através de um link em

um comentário em um blog. Ao clicar no link, o navegador leva a uma URL para onde o link aponta e que corresponde à representação daquele ator.

Para Recuero (2009), por serem representações sociais dos atores, esses perfis “são espaços de interação, lugares de fala construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade.” (2009, p. 26). Maingueneau (2010) mostra a natureza icônica dos *websites* (carregam a relação de semelhança com o objeto que representa), já que o que está postado ali não é mais a “fala” do blogueiro, mas sim páginas numa tela de computador. São páginas que integram fotos e textos, que podem ser considerados “iconotextos” (2010, p. 136). Como na internet não há contato direto entre os nós ou atores, dificultando informações que tragam mais detalhes sobre o outro, o julgamento passa a ser feito pelas palavras do outro, o que leva o ator, nesse caso, a se apropriar das ferramentas do *software* para expressão da sua personalidade, como a seleção das cores dos caracteres, o tamanho ou fonte da tipografia ou de apelidos que reforcem alguma característica do ator no nomeando o perfil. Para conseguir empatia do público, é necessário colocar rostos e informações que mostrem credibilidade e individualidade. Tais instrumentos são estratégias para expressões do *self*, espaços do ator social que são percebidos pelos outros atores. Cabe aqui fazer relação com a expressão da identidade do internauta, proposta por Maingueneau (2010). Para o autor, é ao definir a cenografia por meio das ferramentas do software (cores, imagens, tamanho da fonte) que o produtor (do blog) pode intervir nas relações com o público. “A escolha da cenografia sempre é significativa e implica transformações sociais. Ao definir a cenografia, o produtor pode impor o quadro da comunicação: o sentido de sua própria atividade semiótica, a imagem dos parceiros, a inter-relação entre eles...” (2010, p. 135).

É importante perceber que a internet também contribuiu para a diminuição do domínio informativo dos *mass media*. Lemos (2002) vincula a emergência das páginas sociais às possibilidades que as ferramentas do ciberespaço fornecem à liberação do pólo de emissão. Antes este pólo era dominado pelos *mass media*, que controlavam qualquer tipo de comunicação. Essa liberação do pólo permite a maior pluralidade de vozes, expressões livres e também o maior contato social. “A internet serve, assim, como uma forma de escoamento de discursos pessoais que foram há muito tempo inibidos pelo *mass media*” (2002, p. 4). As páginas pessoais na rede permitiram que as pessoas experimentassem “um exercício de emissão e de construção de imagens

identitárias, abolindo as fronteiras entre eles e o mundo” (2002, p. 3). E também que pessoas de qualquer classe social ou faixa etária pudessem ter as mesmas chances de serem vistas e comentadas. Possibilidades. Já que mesmo em um espaço democrático como a internet, do ponto de vista de liberdade de expressão, os depoimentos de celebridades ganham mais espaço do que o de um anônimo.

O caso do objeto estudado, o blog *Escreva Lola Escreva*, é um exemplo de que a liberação do pólo de emissão deu certo. Com cerca de 8.500 visitas por dia, a própria blogueira acredita que o motivo dessa popularização deve-se a ela escrever todo dia, escrever relativamente bem, não ter medo de dar a sua opinião, usar o humor, ser aberta e sincera. As observações e análises sobre o blog *Escreva Lola Escreva* serão estudadas no próximo capítulo (3°).

2.6 Blog: uma fronteira entre o novo diário e a vida publicizada

Um tipo de página virtual na internet que comporta bem a ideia da personalização e individualidade das redes sociais são os blogs. Os blogs são páginas pessoais nas quais qualquer pessoa pode dissertar acerca de um assunto de seu interesse (gastronomia, moda, política, entretenimento). As motivações para escrever um blog podem até mesmo ser para chamar atenção para si, solidão ou conquistar fama. Os primeiros blogs surgiram na rede mundial de computadores em 1995. O primeiro blog brasileiro (já extinto) foi o Blues Bus datado de 1997, mas que teve a última atualização em 2003. Em 1999 surgiram os serviços gratuitos para construção de blog. Os primeiros foram o *Pitas* (www.pitas.com) e o *Blogger* (www.blogger.com). O surgimento dessa ferramenta provocou o crescimento de blogs na internet.

Geralmente os textos dos blogs, conhecidos por *posts*, falam sobre experiências próprias. Para Lemos (2002), mesmo os blogs mais informativos, que têm a característica da objetividade e imparcialidade, ainda carregam uma expressão pessoalizada e uma apresentação de quem escreve. Alguns blogs mais personalizados com caráter de diário virtual são conhecidos como *ciberdiários*. Os ciberdiários aceitam a publicização do conteúdo privado, enquanto os antigos diários escritos à mão no papel resguardam a característica do segredo, da confissão. “No entanto, os diários online e os antigos diários pessoais são autoficção narcisísticas, reconstrução identitária, expressão de individualidades.” (2002, p. 4). Para Dantas (2005), as pessoas têm sentido a necessidade da exposição exarcebada devidos às mudanças comportamentais

contemporâneas e, cada vez mais, encontram nas páginas dos blogs possibilidades de interação com o outro, além de um local para “confissão”. No entanto, o blogueiro pode driblar essas estratégias de identidade e preferir fugir dessa identificação, recorrendo ao anonimato para não ser reconhecido pelos demais. Nesse caso, perfis falsos são criados. Ainda segundo Dantas (2005), ao procurarem um blog, os internautas não se importam com a veracidade dos relatos ou se o nome do autor é verdadeiro ou fictício. Na verdade, o que eles procuram são indícios identitários que lhe dêem o sentimento de pertencer àquele grupo. Com relação à leitura, ao entrar em um blog, o internauta se depara primeiro com a postagem mais recente. Se ele se interessar pelo assunto e quiser mais informações, ele pode navegar pelas outras postagens, que geralmente estão linkadas (há um link que redireciona para a URL da nova postagem), como é o caso do blog *Escreva Lola Escreva*. Por essa característica, o leitor busca na internet a maior quantidade de informações precisas em um pequeno bloco de texto:

Geralmente, observamos que existe uma recusa por sites com textos longos, há uma tendência de passar a informação de forma mais sintetizada, evidenciando a natureza de urgência do internauta em continuar sua navegação. Se a informação que ele deseja não se revelar imediatamente, essa falta de objetividade faz com que o internauta desista e passe para a outra página ou site. (DANTAS, 2005, p. 68)

Páginas que têm mostrado crescimento no número de acessos, nos últimos anos, são os blogs de moda no país. As blogueiras de moda são mulheres geralmente jovens que postam diariamente sobre as últimas tendências da moda. Postam fotos do que usaram no dia (*look* do dia), das refeições e dos locais por onde passaram. O número de visitantes nesses blogs é alto e as blogueiras são bem vistas pelo público que gosta do assunto. O sucesso é tamanho que muitas passam a utilizar esses blogs como profissão, servindo de vitrine para agências de moda e convites para programas de televisão.

2.7 Nova forma de leitura: o hipertexto digital

O tipo de leitura mais comum e também aquela que estamos condicionados e somos induzidos a seguir desde a infância é a linear (da esquerda para a direita, de cima para baixo). O hipertexto veio se opor a essa leitura. Também nomeado como *hiperdocumento*, o conceito de hipertexto não está ligado apenas a textos virtuais. “O hipertexto é constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e por links entre esses nós, referências, notas,

ponteiros, ‘botões’, indicando a passagem de um nó a outro”. (LEVY, 2000, p. 56). Uma biblioteca pode ser considerada um hipertexto, uma vez que a ligação entre os livros se dá pelas notas de rodapé e bibliografia. Fichários, catálogos são instrumentos de navegação dentro do espaço físico. Por exemplo, o leitor começa a ler um texto e se depara com uma palavra/expressão que possui um pequeno número em cima. De repente, o leitor desloca o olhar para o rodapé da página, onde encontra a explicação. Daquela explicação, antes mesmo de voltar à leitura original do texto, o leitor pode procurar mais informações acerca da palavra na bibliografia do livro ou mesmo em outro.

Já o hipertexto digital, característico dos textos online, nasceu graças à internet e pode ser definido como uma “informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e intuitiva” (2000, p. 56). O hipertexto digital possui uma peculiaridade: o computador, por meio da digitalização das informações, permite que as passagens de um nó para outro sejam feitas com maior rapidez, em segundos. Vale ressaltar que não é a simples transposição do texto impresso para a tela do computador que o configura como hipertexto digital. Para que haja hipertexto digital o internauta precisa de um programa de navegação. E a mais importante de todas as características do hipertexto digital é, para Levy (2000), o caminho percorrido pelo internauta. Sendo o hipertexto um percurso de possíveis leituras, o texto é então uma leitura particular de um hipertexto. O navegador passa a participar da redação do texto, uma vez que por meio da leitura coloca textos em jogo, como uma combinação entre os nós. O internauta vai seguindo pelos links que foram sugeridos no texto, mas também vai criando novos links que não foram pensados pelo autor do hiperdocumento. Para Levy (1996), no suporte digital há a permissão de novas leituras coletivas. Por meio dessas “ligações hipertextuais”, um grande número de pessoas conecta os textos uns aos outros:

Um pensamento se atualiza num texto e um texto numa leitura (numa interpretação). Ao remontar essa encosta da atualização, a passagem ao hipertexto é uma virtualização. Não para retornar ao pensamento do autor, mas para fazer do texto atual uma das figuras possíveis de um campo textual disponível, móvel, reconfigurável à vontade, e até para conectá-lo e fazê-lo entrar em composição com outros corpos hipertextuais e diversos instrumentos de auxílio à interpretação. (LEVY, 1996, p. 43)

Os hiperdocumentos são assim “instrumentos de escrita-leitura coletiva” (1996, p. 43). Essa maior possibilidade de leituras e de sentidos enriquece a leitura. Nesse novo

tipo de leitura não é mais o leitor que segue as orientações do hipertexto se deslocando fisicamente em uma biblioteca procurando livros ou virando páginas, como no hipertexto anterior à informática. Agora o texto está todo ali, na frente dele, apresentando milhares de opções de clicks e de possíveis leituras. “É um texto caleidoscópico, móvel, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade diante do leitor.” (1996, p. 44).

2.8 Os estudos sobre gênero nas teorias feministas

As primeiras teorias que tentavam explicar as diferenças de direitos entre homens e mulheres se baseavam no fator biológico. Ferreira (2009) explica que características do sexismo biológico se manifestam não só no corpo, mas também na prática discursiva. Para a autora, para considerar e entender o discurso de um sujeito seria preciso também considerar o par sexismo/linguagem. Sexismo, pois é inevitável o binário masculino/feminino, e linguagem, como já explicado no primeiro capítulo, pelo valor social que ela carrega:

Sentidos valorizados e modalizados por determinado grupo de falantes revelam recorte identitário do universo em que os sujeitos estão inseridos ou que querem estar inseridos. A escolha de estar no mundo, o modo de compreendê-lo, a agência que assumem revelariam discursos referenciais próprios de cada universo de sujeitos. (FERREIRA, 2009, p. 117)

Considerando o quadro da dicotomia patriarcal, masculino e feminino apresentam características opostas no que diz respeito à semântica discursiva. Os homens assumem as categorias de independência, objetividade e razão. Já as mulheres se relacionam à interdependência, afetividade e emoção. Cabe aqui explicar alguns conceitos relacionados ao mundo feminino: fêmea, feminilidade, feminilidade e feminismo. Fêmea tem base biológica e não está necessariamente relacionada à feminilidade. Feminilidade é uma construção dos padrões culturais de comportamento, baseada também em bases patriarcais, na qual a mulher pode se enquadrar ou não na beleza, na maternidade, na sensibilidade ou na meiguice. Na nossa sociedade, esse é o tipo de comportamento aceito e esperado para as mulheres. Já a feminilidade, neologismo criado por Ferreira (2009), “está para a hibridização do par feminino/masculino enquanto integrante do falocentrismo, um sistema que privilegia o *fallus* como símbolo ou fonte de poder”. (2009, p. 117). É a mulher moderna e atual, que é integrada à força produtora da sociedade, educadora, mãe, independente. Pode ou

não usar sua feminilidade, mas muitas vezes a deixa de lado para poder atuar no meio masculino, como por exemplo, quando uma mulher executiva opta por roupas mais fechadas (blazer) ou com características masculinas para ser aceita e dar aos integrantes da turma o sentimento de que ela pertence àquele grupo. Por último, “o feminismo é um é um fronte político; deve-se ao movimento de 1968 sobre os direitos e liberação da mulher.” (2009, p. 117). Não se relaciona especificamente às mulheres. Da mesma forma que existem homens feministas, também existem mulheres machistas. Está vinculado ao ideológico, não ao sexo. Desse modo, de acordo com Ferreira (2009), feminismo não é o mesmo que *feminilidade*. Ao contrário, esta abole os ditames da política, tão presentes no feminismo. Questões relacionadas ao feminismo, característica presente no objeto de estudo, serão tratadas no próximo tópico.

Porém estudos recentes (década de 80 do século XX) passaram a combater esse sexismo (masculino/feminino) na produção teórica feminista e têm substituído o termo “mulher” pelos estudos sobre gênero. Segundo Steffen (2013), devido a falta de teorias que explicassem a desigualdade entre homens e mulheres, as mulheres deixaram de ser o foco principal e deu lugar às relações de gênero. “Os estudos feministas e de gênero se referem à busca pela equidade entre os gêneros, desconstruindo as desigualdades de gênero ainda presentes, e sendo uma luta tanto de mulheres, quanto de homens para uma sociedade mais equitativa, solidária e humana.” (STEFFEN, 2013, p. 58). Vitorino (1994) afirma que a reformulação desse estudo aconteceu porque o termo “sexo” é compreendido no plano natural, fisiológico, sob a ótica do determinismo biológico, enquanto via-se necessário um estudo do aspecto sociológico, que não compreendesse mais o sexo de forma dicotômica, diferenciada. “Numa palavra: a categoria “sexo” fundamenta-se no aspecto fisiológico, enquanto o gênero tem como horizonte o aspecto sociológico.” (VITORINO, 1994, p.98). Nesse sentido, Butler (2010) sugere que os corpos sexuados podem dar ensejo a uma variedade de gêneros diferentes e que o gênero não está restrito aos dois usuais. Ou seja, nessa teoria o sexo é analítico ao homem, não há ser humano assexuado, mas o sexo não causa o gênero e o gênero não pode ser entendido como um reflexo do sexo. Com base nessas observações, a autora critica a frase “não se nasce, mas torna-se mulher” presente na obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, pois para Butler, o gênero não é algo originado em um momento, o qual a pessoa passa de um estado para ele, mas sim uma criação contínua, em construção.

2.9 O feminismo: uma bandeira de luta

Apesar de a luta pela plena igualdade dos direitos entre homens e mulheres ter sido o objetivo central das teorias e movimentos feministas ao longo dos anos, o conceito de feminismo sempre foi muito controverso. Kaplan (1992, *apud* Nogueira, 2001, p. 4) divide o feminismo em três vagas: a primeira está localizada no meio do século XIX e compreende da Revolução Francesa até o fim da primeira Guerra Mundial. Nesse período, as mulheres questionavam a contradição da sociedade no que dizia respeito à universalização dos direitos políticos individuais e, ao mesmo tempo, à universalização da diferença sexual. Amâncio (2010) mostra que as mulheres eram submetidas às ordens dos pais quando solteiras e, quando casadas, eram postas em condições semelhantes a de escravos, como relata John Studart Mill no texto *On the Subjection of Women*, de 1869. Para a autora, a exclusão das mulheres nesse período se baseava “apenas e só na sua condição de nascimento, assim como a ideologia sobre a diferença entre os sexos, que foi necessária produzir para sustentar essa contradição e que recorria à natureza para legitimar a vontade dos homens.” (2010, p. 1). Nesse período, as sufragistas tiveram importante participação no movimento. As sufragistas eram mulheres que estavam na luta pelo direito ao voto, por direitos políticos. Essa luta foi organizada por mulheres das classes médias e altas, além de filhas de políticos ou intelectuais da sociedade brasileira que tiveram a chance de estudar em outros países. Essa “seleção” fez com que Pinto (2003) nomeasse o movimento de “feminismo bem comportado e/ou difuso”.

A segunda vaga do feminismo está associada aos movimentos do pós-Segunda Guerra Mundial, nas décadas de 60 e 70. Segundo Nogueira (2001): Uma série de acontecimentos nesse pós-guerra impulsionou o abrir das portas para a entrada da mulher no mercado de trabalho:

Apontam-se vários factores para o desenvolvimento do feminismo nesta época. A euforia empresarial resultante da explosão econômica posterior ao pós-guerra e o rápido e consequente aumento dos padrões de vida em alguns países, deu às mulheres e ao seu trabalho, uma imagem completamente diferente. As mulheres foram chamadas a participar no mercado de trabalho, um convite substancialmente distinto daquele feito durante a segunda guerra mundial, já que naquela altura apenas lhes era pedido um esforço de trabalho circunstancial. O slogan da altura “o que é que os homens fazem que as mulheres não possam fazer?”, foi também o resultado da observação das experiências das mulheres no seu combate diário (muitas delas viúvas de guerra) e não uma crença teórica. (2001, p. 6)

Essa foi também uma época de grande inovação, principalmente pelo acesso das mulheres à pílula contraceptiva, que deu total autonomia para o controle do corpo. Além das inovações tecnológicas, a explosão do movimento estudantil dos anos 60 somou forças ao movimento feminista. Nesse período existiam duas correntes feministas: a das feministas marxistas e/ou socialistas e a das feministas sexistas. As primeiras foram influenciadas pelos escritos políticos e filosóficos de Marx e Engels que falavam sobre a opressão da mulher. As feministas marxistas relacionavam a libertação da mulher à luta pela emancipação dos trabalhadores e pelo socialismo. No Brasil, na Itália e na França notou-se a hegemonia dessa vertente. Já a linha sexista privilegiava o sexo como bandeira de luta. Essa vanguarda foi assumida mais fortemente nos Estados Unidos. Marx e Engels foram importantes na retomada do tema “opressão feminina” na próxima etapa do movimento feminista. Opressão essa tanto no trabalho quanto no seio da família nuclear. Por sinal, a crítica feminista era ferrenha a essa instituição, já que para as feministas, a ideologia da família “representava apenas uma mera glorificação hipócrita da maternidade, que acarretava desigualdades de poder entre os membros de um casal.” (2001, p. 6). A partir dessas críticas, a união estável oficializada na legalização do amor (casamento) passou a ser cada vez mais combatida.

A terceira vaga é a atual, a qual muitos designam por pós-feminismo e que teve início em meados da década de 80. Esse período é marcado pelo desinteresse por parte dos jovens ao movimento feminista, diferentemente dos anos 60 e 70. Os próprios meios de comunicação passaram a noticiar que o feminismo estava ficando “fora de moda.” De fato, as mulheres do ocidente alcançaram seus direitos, objetivos que não eram concretos antes da segunda vaga do feminismo começar. Hoje as mulheres ocidentais são iguais aos homens perante a lei, mas o problema agora é a distância entre a igualdade legal formal e política e a prática desses direitos, principalmente com relação à vida privada das mulheres. Grande parte delas continua ainda hoje arcando com a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos sozinha. São poucos os casais que partilham as tarefas domésticas. Nesse sentido, para Davidson & Cooper (1992, *apud* NOGUEIRA, 2001, p. 8) seria necessário uma reeducação dos homens para funcionarem como parceiros, diminuindo o estresse diário das mulheres, que além das tarefas domésticas, participam também do mercado de trabalho.

Essa suposta “incapacidade” do sexo masculino em lidar com os afazeres domésticos fez nascer outras ideologias que vieram a inverter algumas crenças, ao ponto

de as mulheres acreditarem ter virtudes e forças especiais por serem biologicamente diferentes dos homens. Ideia que foi tanto combatida por feministas da primeira e da segunda vaga do movimento. Nessa perspectiva, as mulheres exigem o reconhecimento por possuírem capacidades especiais tipicamente femininas, como cuidar do lar e das crianças. É interessante perceber também que um dos fatores que causou o distanciamento das mulheres da ideologia feminista nesta última vaga é a série de estereótipos que a figura da mulher feminista está permeada. Como no discurso tradicional, ser feminista é ser uma mulher mal amada, “desinteressante do ponto de vista sexual, com problemas de relacionamento interpessoal ou lésbica, as mulheres podem optar por ser ‘verdadeiras’ mulheres, afastando-se assim deste estereótipo limitativo” (NOGUEIRA, 2001, p. 9). Devido a esses estereótipos, tornou-se cada vez mais comum a frase “Eu não sou feminista, mas...” para caracterizar mulheres que concordam sim com a existência de problemas que ainda as inferiorizam com relação aos homens, mas que querem fugir da caricatura da mulher feminista. Porém, não é de se duvidar que posturas desse tipo enfraqueçam qualquer movimento que busca recrutar os cidadãos.

Pinto (2003) mostra dois pontos que caracterizam o movimento feminista a partir da década de 1990: a dissociação entre o pensamento feminista e o movimento e a profissionalização do movimento por meio do aparecimento de um grande número de ONGs, a mais pública expressão do feminismo na virada do século, segundo a autora. Alguns exemplos são a Articulação da Mulher Brasileira (AMB), criada para preparar a ida das mulheres brasileiras à Conferência Mundial de Pequim em 1995. Outra ONG, formada em 1991, foi a Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos conhecida como Rede Saúde, que congrega 110 filiais em 20 estados. A autora mostra que essa tendência à profissionalização por meio de ONGs volta a indicar um “feminismo bem-educado”, parecido com aquele praticado no final do século XIX até as três primeiras décadas do século XX, quando o foco era o movimento sufragista coordenado pelas mulheres da elite.

Nos últimos anos percebe-se que o pós-feminismo vem buscando uma identificação comum entre as mulheres do mundo. Essa procura pela base universal vem acompanhada da ideia de que a opressão feminina é causada pela dominação patriarcal universal. Butler (2010) desaprova a ideia pelo fato dessa teoria tentar se apropriar de culturas não ocidentais, manipulando-as para confirmar noções particularmente

ocidentais de opressão. Nas culturas orientais, a opressão de gênero é justificada pelo barbarismo intrínseco, sem relação com as formas de dominação do mundo ocidental. Mas a recusa da autora não se limita à ideia de ser o patriarcalismo um eixo de identidade entre as mulheres do mundo. Para ela, qualquer noção de traços comuns partilhados pelas mulheres é totalmente “descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relação de poder, os quais tanto constituem a ‘identidade’ como tornam equívoca a noção singular de identidade” (BUTLER, 2010, p.21).

E esse patriarcado ocidental é responsável por uma das piores ou a pior das desigualdades entre homens e mulheres: a violência. No Brasil, as delegacias especializadas foram criadas em 1985. Outra conquista das mulheres brasileiras foi a criação da Lei da Maria da Penha², que está em vigor há sete anos e decreta o aumento no rigor das punições das agressões contra a mulher quando ocorridas no âmbito doméstico ou familiar. Apesar de não resolverem o problema, essas medidas foram um avanço, na medida em que a mulher passou a ser reconhecida como vítima de violência. Pesquisa feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada³ (Ipea) este ano revelou que, no Brasil, no período de 2001 a 2011, foram registrados mais de 50 mil *feminicídios*⁴, o que equivale a aproximadamente 5.000 mortes de mulheres por ano. A pesquisa também mostrou que grande parte dos óbitos foi praticada em ambiente doméstico. Se comparados os períodos antes e depois da vigência da Lei, os dados mostram que não houve redução das taxas anuais de mortalidade. O que houve foi um pequeno decréscimo logo no início da vigência da lei (2007), mas nos anos seguintes, os números voltaram a crescer. No mundo, a pesquisa afirmou que os parceiros íntimos são os principais assassinos de mulheres, sendo responsáveis por aproximadamente 40% de todos os homicídios de mulheres no mundo.

E não é difícil se constatar esses dados. Os telejornais mostram diariamente os casos de crimes de violência contra a mulher e, as principais causas apontadas, são o alcoolismo e o machismo. O machismo caracteriza-se pela ideologia que legitima o controle econômico e social do sistema político patriarcal. Quando se concorda que os

² A Lei Maria da Penha foi decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva no dia 7 de agosto de 2006. A lei está em vigor desde o dia 22 de setembro de 2006.

³ Mais informações sobre o estudo no portal www.ipea.gov.br

⁴ Segundo a pesquisa Ipea, caracterizam-se por feminicídios ou femicídios mortes de mulheres decorrentes de conflitos de gênero.

direitos do homem não devem ser estendidos às mulheres. Assim como no feminismo, existem tanto homens quanto mulheres machistas. Para Steffen (2013), por trás dessas mortes, o discurso da “culpabilização” da mulher é sempre exaltado. São discursos que justificam a mulher ser vítima daquela agressão, como se a atitude do agressor fosse natural perante aquela situação. “Comentários em relação ao que a mulher deve ter feito para deixar o parceiro tão bravo, ou o que provocou o estupro foi a roupa que a mulheres estava usando, ainda são comuns, como se justificassem a violência.” (2013, p. 54)

2.10 O(s) Discurso(s) feminista(s)

Intrinsecamente a um movimento social está a sua ideologia. E, como explicado no primeiro capítulo, não cabe falar em ideologia sem mencionar o discurso produzido. O advento dos discursos feministas teve início no final da década de sessenta do século XX, que foi quando o movimento se alastrou pelas classes e as mulheres passaram a ter objetivos concretos pelos quais lutavam. Mesmo que antes já se formassem idéias e teorias sobre as aspirações das mulheres, “é nesse momento que se inicia certa ordenação de tais pressupostos, possibilitando a inserção de tais discussões nos mais diversos meios, especialmente no acadêmico, científico e dos movimentos sociais” (GABRIELLI, 2008, p. 1). É errôneo entender o feminismo como produtor apenas de um único discurso feminista. Isso porque desde o seu nascimento há uma diversidade nas posições feministas, tanto no que diz respeito às filiações ideológicas, como as feministas liberais, as feministas marxistas e as feministas socialistas quanto aos posicionamentos epistemológicos. A principal diferença das correntes ideológicas era a solução que elas acreditavam que o fim do sexismo traria: uma mudança no sistema legal (feminismo liberal), uma mudança na estrutura social (feminismo radical) e o fim da sociedade capitalista (feminismo socialista). Para Gabrielli (2008) essa variedade de enfoques é importante na medida em que constrói várias teorias que podem se complementar ou divergir, favorecendo posicionamentos críticos acerca do feminismo. No entanto, a concordância de que a construção social do gênero é feita pelo masculino e pelo feminino é ponto de encontro entre as várias teorias feministas. É também interessante perceber que apesar de ainda ser considerada uma teoria “alternativa”, o feminismo tem mostrado repercussão em várias áreas do conhecimento.

Uma das questões presentes no discurso das acadêmicas feministas é a crítica à neutralidade científica. Por ser um discurso de alto prestígio, senão o mais bem visto, ele influencia grande parte da humanidade. E apesar de ter a humanidade como objeto de estudo, segundo Gabrielli (2008), a ciência é construída por homens desde o seu nascimento e tem seus métodos, escolhas e conceitos totalmente androcêntricos. Nesse sentido, o contra-discurso feminista vem tentar desvelar os discursos velados na construção da ciência:

É no seio dela que se torna atuante o contra-discurso feminista, posicionamento que questiona não apenas as convenções sociais, culturais e políticas desfavoráveis às mulheres, mas os próprios meios de produção de tal ciência, colocando em pauta a discussão sobre a relação do controle científico com a dominação social e econômica. (GABRIELLI, 2008, p. 3).

Como sugestão, a autora afirma a necessidade de se colocar em pauta o discurso feminista, mesmo que seja um trabalho árduo, visto a desarticulação entre "segmentos" do movimento feminista entre mulheres negras, lésbicas ou proletárias. Não se trata de as feministas "apagarem" todo o conhecimento até então produzido e o substituírem por uma produção "feminina", mas sim desmistificar a ausência de poder no discurso científico. Além da valorização do discurso feminista, a autora afirma que não se pode deixar em segundo plano a atenção aos outros discursos circulantes na sociedade em geral (das minorias).

Hoje algumas das bandeiras mais defendidas pelas feministas dizem respeito não só aos direitos das mulheres, mas devido a afinidade entre as causas do feminismo e as de outros movimentos sociais, as (os) feministas passaram a apoiar novas causas como, por exemplo, a luta pelos direitos da categoria LGBTTT (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e transsexuais) e, com isso, erradicar o racismo, a homofobia e a separação de direitos e deveres por gênero sexual. As feministas reivindicam a legalização do aborto como direito da mulher sobre o seu próprio corpo. O feminismo também luta pela licença paternidade e maternidade com o mesmo período para ambos e também pela opção de as mulheres poderem decidir se querem ter filhos ou não. Causas feministas recentes questionam os padrões de beleza impostos pela moda (mulher esquelética, alta, loira) e a "cultura do estupro" tão disseminada na sociedade.

Apesar de na terceira vaga o feminismo ter ficado "fora de moda" ou não ter a mesma efervescência do passado, pode-se perceber que o número de mulheres e homens

aderindo à luta feminista no país está crescendo. Pesquisa⁵ realizada ano passado (2012) pela Fundação Abramo /Sesc revelou que 31% das brasileiras se consideram feministas. O número pode até ser maior, já que a pesquisa incluiu apenas as mulheres que tinham consciência do que era feminismo. As que não entendiam a pergunta ou respondiam erroneamente foram excluídas da contagem. A pesquisa mostra um avanço significativo no número de mulheres que são simpáticas ao feminismo, visto que dez anos antes a mesma pesquisa foi realizada e o número de mulheres assumidas era de 21%. A novidade do estudo foi avaliar os homens, que não entraram na pesquisa anterior: 39% dos entrevistados afirmaram serem profeministas contra 29% que se declararam antifeministas. Quando questionados sobre o machismo, 90% dos homens reconheceram que o machismo existe, mas apenas 22% deles se assumiram machistas. Voltando ao tópico anterior (2.9), pode-se perceber que apesar de o machismo ser motivador de grande parte dos crimes contra a mulher, essa parcela de homens não se assume machista.

A tendência também é de criação de páginas feministas na internet, sejam blogs, *fanpages* no Facebook, perfis no Twitter ou em outras redes sociais. Isso porque é inerente aos movimentos sociais a inserção na internet. Essa passagem natural do meio físico para o virtual é uma nova prática da sociedade contemporânea. Por exemplo, os blogs feministas no país já passam de cem. Eles são espaços de debate onde mulheres de várias faixas etárias discutem sobre aborto, padrões de beleza, sexualidade, estupro entre outros assuntos. Uma das contribuições desses locais de debate é desmistificar o movimento feminista, uma vez que não precisa participar de um partido ou instituição para se conhecer melhor as ideias das ativistas. Outra característica que estimula a construção dos blogs é a interatividade: as mulheres têm a possibilidade de compartilhar, por meio de conversas, experiências próprias com outras pessoas que também enfrentam os mesmos problemas.

Como já dito neste capítulo (tópico 2.1), a internet se configura como um espaço de livre expressão propício a troca de informações e conhecimento entre todos os cidadãos conectados do mundo por meio das ferramentas que ela disponibiliza. Essa livre expressão estimula a articulação dos indivíduos na rede:

⁵ A pesquisa “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços públicos e privados” foi realizada por meio do Núcleo de Opinião Pública da Fundação Abramo/Sesc. Ao todo foram ouvidas 2.365 mulheres de 176 municípios e 1.181 homens de 104 municípios. Todos com mais de 15 anos de idade e de 25 unidades da federação. A pesquisa teve início em agosto de 2010 e foi concluída em janeiro de 2012.

Evidencia-se, dessa forma, que os tradicionais meios de comunicação tidos como de massa não são mais os únicos instrumentos formadores das idéias partilhadas pelos membros de uma sociedade. A comunicação integrada a uma organização tecnológica e adequada a um regime de visibilidade pública, é a forma de vida emergente desta atual mídia produzida através do interativismo do ciberespaço. (SCHIECK, 2009, p.4)

Para Castells (2006, *apud* SCHIECK, 2009, p. 4), essa nova forma de comunicação é denominada *mass self-communication*. Tal prática foi absorvida pelos movimentos que passaram a usar as novas tecnologias como nova forma de mobilização política, diferentemente das tradicionais formas de organização partidária, como sindicatos e associações características da sociedade industrial. Entende-se por ciberativismo, segundo Vegh (2003, *apud* RIGITANO, 2003, p. 3), a utilização da internet por movimentos politicamente motivados. Agora é na internet que os ativistas difundem suas ideias e atividades tradicionais. Além disso, na rede, os ativistas procuram aprimorar a atuação dos grupos e também a utilizam como espaço de reunião para mobilizações online ou até mesmo encontros off-line. A partir dessas observações, a análise da ideologia e do discurso feminista nos textos de uma página pessoal, o blog *Escreva Lola Escreva* será feita no próximo capítulo. Apesar de não nascer com o intuito do ciberativismo, o blog é fonte de discussões e debates acerca do feminismo.

3 Capítulo 3 – Análise do Discurso no blog *Escreva Lola Escreva*

O capítulo a seguir utiliza os conceitos dos capítulos anteriores para entender o discurso produzido ao longo de seis anos do blog *Escreva Lola Escreva*. Serão selecionados treze recortes discursivos ricos no que diz respeito ao posicionamento da autora sobre temas cotidianos. De início, há a apresentação do blog com informações sobre o layout e da autora com informações sobre a vida pessoal e acadêmica. Logo depois está a análise propriamente dita dos textos, que não é focada na interpretação das imagens, mas primordialmente na escrita. A escolha discursiva pelo texto não exclui a riqueza discursiva das imagens e nem impede que elas sejam citadas. Figuras de linguagem, o uso de links e a ironia são recursos presentes na análise da pesquisa.

3.1 Quem é Lola Aronovich?

Dolores Aronovich Agüero, mais conhecida como Lola Aronovich, nasceu na Argentina em 1967 e morava com os pais e mais dois irmãos. Veio para o Brasil pouco antes de completar quatro anos de idade. Morou seis anos no Rio e dezesseis em São Paulo. Em 1993 foi para Joinville, onde morou durante 15 anos. Ia e voltava pra Florianópolis, onde cursou mestrado e doutorado. Lola veio para Fortaleza em janeiro de 2010, depois de passar no concurso para professora da Universidade Federal do Ceará, onde assume o cargo até hoje. Lola é também doutora em Literatura em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Ela se define feminista desde os oito anos de idade e, a principal influência direta dela foram os próprios pais, que tinham posicionamento liberal e de esquerda. Segundo a professora, a mãe dela se dizia católica não praticante e, o pai, ateu. Lola também é atea, ou seja, não tem religião e, com isso, não crê em nenhum ser supremo. Eles não eram assumidamente feministas, mas também não eram moralistas nem religiosos. Os pais de Lola costumavam “andar nus pela casa, algo meio hippie”⁶. Permitiam que os filhos, as duas meninas e o menino, levassem namorados/namorada para dormir em casa. O pai de Lola tinha o segundo grau completo, e a mãe dela sempre leu muito. A revista americana feminista *Ms.*, que já completou quatro décadas de vida, era enviada a casa dela de vez em quando. Lola chegava a ler alguns trechos, ainda que em um inglês iniciante. Pelo título da revista, Lola sabia que a mulher recebia

¹ Entrevista com Lola Aronovich feita por email no dia 23/12/2012.

tratamento diferente conforme o seu estado marital e se inquietava com essa situação, enquanto os homens eram sempre intitulados Mr, independentemente do seu estado civil. Diários escritos por ela ainda criança mostram que a pequena escritora já falava de igualdade: que homens não são superiores às mulheres. Falavam também da importância de terem os mesmos direitos.

Durante quatorze anos, entre 1998 e 2012, Lola escreveu para *A Notícia*, o segundo maior jornal de Santa Catarina. Mas o veículo, por contenção de despesas, dispensou a maior parte de seus colaboradores. Em 2008 veio a ideia de criar o *Escreva Lola Escreva*. Antes de começar com o blog, Lola não conhecia a blogosfera nacional, mas costumava ler blogs americanos que falavam de *fat acceptance* (aceitação do corpo). Com a ajuda do marido, ela decidiu criar um blog pessoal. “Aprendemos o básico do básico, o suficiente pra ter uma plataforma”⁷. A blogueira também recebia (como ainda recebe hoje) ajuda das leitoras, que costumam dar dicas sobre o layout do blog. Esse é um dos pontos que incomodam Lola e que a faz sentir necessidade de reformular, pois o layout do blog ainda conserva as mesmas características de quando começou. Segundo a blogueira⁸, quando criado, o blog não tinha a pretensão de ser feminista, e sim um espaço em que ela pudesse falar sobre suas experiências próprias, como um diário virtual. Mas como ela é adepta das ideias feministas, esse feminismo logo passou a se manifestar na maior parte dos textos do blog. Esse tema que gerou grande reconhecimento ao *Escreva Lola Escreva*, apesar de ela também fazer resenhas sobre filmes e livros (há uma sessão para esse material).

Desde o início de 2011, Lola é convidada a participar de várias conferências, a maior parte em universidades públicas. Essas conferências são sobre vários temas, como limites do humor, influências da mídia, a importância do ativismo, as mulheres na literatura, o perigo da palavra e criminologia. Só este ano (2013), já participou de mais de 50 conferências nas quais o feminismo é tema principal. Nesses encontros sempre há a participação do público, o que lhe permite interagir com feministas de todo o Brasil, inclusive sendo chamada para inspirar a criação de um coletivo feminista em alguma faculdade.

3.2 O blog *Escreva Lola Escreva*

⁷ Entrevista com Lola Aronovich no departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará (UFC) no dia 12/11/2013.

⁸ Entrevista com Lola Aronovich feita por email no dia 23/12/2012.

O blog *Escreva Lola Escreva* nasceu em janeiro de 2008 hospedado na plataforma blogger. A página recebe cerca de 8.500 visitas por dia, ou seja, cerca de 260 mil pessoas lêem o blog por mês. Desde o seu nascimento, já foram contabilizadas cerca de oito milhões e meio de visitas, e mais de 13 milhões de *pageviews* (visualizações da página). O blog é considerado, segundo o jornal *Gazeta do Povo*, o blog feminista mais lido do país. O *Escreva Lola Escreva* nasceu com três postagens diárias, mais curtas que as de hoje. Depois a blogueira passou a fazer só uma postagem no dia, mas de tamanho maior, já que ela se considera uma pessoa prolixa. Com relação ao *layout*, a *home* ou primeira página do blog é dividida em duas colunas. Uma mais larga ocupada pelas postagens na ordem da mais recente para a mais antiga e outra coluna mais fina com informações sobre os seguintes tópicos: o perfil da autora, as comentaristas mais recentes e o histórico das postagens (arquivo) separadas por ano, mês e dia. Esse arquivo permite que o leitor procure manualmente (porém facilmente) postagens mais antigas. Também estão presentes na coluna mais estreita a lista dos blogs recomendados pela autora (são aqueles que ela tem afeição com o que está escrito e gostaria que outras pessoas também lessem) e os *posts* mais populares. No topo da *home* fica a logo: um retângulo personalizado que dá lugar a uma foto (preto e branco) de Lola ainda criança e ao nome do blog. A cor predominante no plano de fundo é o azul claro. A escolha da cor não partiu de nenhum gosto pessoal, e sim foi feita aleatoriamente, já que preto no branco ficaria comum. Na tela de um computador, com a barra de rolagem na posição inicial, a primeira página (*home*) do blog pode ser vista da maneira a seguir. Na área reservada ao perfil há uma foto em close da blogueira com uma pequena descrição dela:

Escreva Lola Escreva

www.escrevalolaescreva.blogspot.com.br

Escreva Lola Escreva

QUINTA-FEIRA, 21 DE NOVEMBRO DE 2013

GUEST POST: DIFERENÇA SALARIAL ENTRE GÊNEROS ATÉ NO FUNCIONALISMO PÚBLICO

COMPRE MEU LIVRINHO JÁ

Saiu a reimpressão! Tenho muitos livros pra vender

COMENTÁRIOS MAIS RECENTES

Patrick, que eu adoro, é Auditor Fiscal na Receita Federal.

Na minha primeira palestra sobre feminismo, que dei em Mossoró a convite dele, ele me surpreendeu com um dado. Recentemente pedi a ele que

QUEM SOU EU

LOLA ARONOVICH

Sou professora da UFC, doutora em Literatura em Língua Inglesa pela UFSC e, na definição genial de um troll, ingrata com o patriarcado. Neste bloguinho não acadêmico falo de feminismo, cinema, literatura, política, mídia, bichinhos de estimação, marido, combate a preconceitos, chocolate, e o que mais me der na telha. Apareça sempre e sinta-se em casa. Meu email: lolaescreva@gmail.com. Meu **Twitter** também é bem movimentado.

[VISUALIZAR MEU PERFIL COMPLETO](#)

Além dos textos dissertativos postados diariamente, três vezes por semana a professora vincula *guest posts* no blog, que seriam, numa tradução para o português, “as postagens dos convidados”. São textos enviados para o email de Lola, onde as leitoras têm a oportunidade de falar sobre qualquer assunto e de vê-los postados no blog. Mas só o envio dos textos não garante a sua publicação. Eles passam por alguns filtros da blogueira, sendo o tamanho um deles. Uma leitora já mandou um texto de aproximadamente oito páginas, o que inviabilizou a postagem, já que o blog tem espaço limitado e segue certa “linha editorial” definida pela autora. A escolha dos assuntos sobre os quais escreve é pautada não só a pedido dos leitores que opinam sobre o que querem ler, mas também pela mídia. Boa parte das postagens é baseada em assuntos polêmicos do dia a dia veiculados pelos jornais. Essa característica confere ao blog não só um caráter opinativo, mas também informativo. Lola também utiliza algumas ferramentas “especiais” na produção dos textos. Como editar a postagem demanda tempo e esse é um dos inimigos para quem tem que desempenhar tantas atividades, é comum a blogueira programar as postagens. Existe uma ferramenta na qual o autor do blog pode escolher o dia e a hora que determinado texto será postado automaticamente, sem necessidade de o blogueiro estar conectado à internet. Na construção das postagens, sempre existem imagens dialogando com os textos. A escolha das imagens é feita por pesquisa em inglês no motor de busca Google.

Com relação ao público, a maioria dos leitores é jovem. Segundo a última pesquisa feita pela autora, cerca de 70% dos leitores tinham até 30 anos. A maioria é constituída por mulheres, representando cerca de 65% das visitas. Os homens correspondem a 35%. Isso se explica pelo fato de o feminismo ainda possuir mais adeptas mulheres do que homens. Mas não se deve considerar fielmente esses números, já que, por se tratar de um blog polêmico e muito acessado, muitos perfis são falsos (fakes) e não revelam a verdadeira personalidade, sexo ou nome do internauta. São os trolls, perfis que querem mudar o foco do assunto em uma comunidade ou grupo de discussão e abalar emocionalmente os membros. Por ser um blog de referência e que trata assuntos polêmicos, os “ataques” de trolls costumam ser constantes. As ofensas podem ser violentas e ameaçarem migrar para o “mundo real”, como aconteceu com Lola. Ela já chegou a registrar um boletim de ocorrência em janeiro de 2012 devido às ameaças sofridas tendo como origem um grupo anônimo. Eles enviavam emails e faziam comentários maldosos sobre Lola em blogs de ódio às feministas. E ainda hoje

Lola recebe muitas ameaças de morte e de estupro de vários grupos que disseminam o ódio às mulheres (misoginia) na internet. Na frase a seguir retirada do texto postado no Dia Internacional da Mulher deste ano (2013), por exemplo, Lola se refere aos trolls diretamente, usando até mesmo vocativo:

(...)Trolls, não encham, que a conversa ainda não chegou no estábulo.(...) (texto postado em 08/03/2013)

Lola é popular dentro da internet e, mais ainda, dentro do círculo de internautas que lêem blogs com textos grandes. Esse é mais um aspecto que reforça a atuação do blog dentro da web: como já dito no capítulo anterior (tópico 2.6), geralmente quem acessa a internet procura postagens curtas. Todos os textos da autora são longos, e por mais que ela utilize imagens que “aliviem os olhos”, o tempo de leitura excede o que normalmente um internauta é acostumado a gastar na leitura de um texto na internet. Uma figura de linguagem que é estrategicamente proporcionada pelo uso de imagens no blog é a ironia. Lola se diz irônica e afirma que a ironia “serve para descontrair e também para desmentir gente que fala besteira”.⁹ Para ela, a ironia ajuda a tratar temas pesados com um mínimo de leveza e humor.

Análise do corpus

3.3 Metodologia

A análise a seguir pretende compreender o discurso feminista produzido ao longo de seis anos do blog *Escreva Lola Escreva*. O *corpus* da pesquisa compõe-se dos seis textos produzidos por Lola no Dia Internacional da Mulher (8 de março) dos anos de 2008, 2009, 2010, 2011, 2012 e 2013. Procurou-se, com a escolha da data, destacar um dia em que todas as mulheres estivessem em evidência, sem excluir nenhuma delas. A escolha de outras datas não traria às mulheres o mesmo sentimento de pertencimento ao grupo, como é o caso do Dia das Mães, já que nem todas as mulheres optam pela maternidade. O dia Internacional da Mulher é comemorado mundialmente no dia 8 de março¹⁰ desde 1975. Na luta do feminismo, esse é um dia no qual as ativistas estimulam a sociedade a pensar que a situação da mulher já foi muito pior, está melhor, mas que pode melhorar ainda mais. A partir do discurso empregado nesses textos, a pesquisa busca

⁹ Idem

¹⁰ Foi no dia 8 de março de 1857 que um grupo de mulheres de uma fábrica de tecidos estadunidense queimou seus sutiãs como forma de reivindicar melhores condições no trabalho. A punição dos proprietários foi trancá-las dentro da fábrica e atear fogo. 130 trabalhadoras morreram carbonizadas.

entender os processos ideológicos empregados nesse discurso e a relação desses textos com outros discursos (interdiscursividade) na produção de sentidos. Trata-se de, além de analisar o dito, ou seja, a materialidade discursiva, entender o jogo discursivo situado entre o dizer, o dito e o não dito, o silenciado. Para isso, leva-se em conta o sujeito, a linguagem, juntamente com a ideologia, o inconsciente e a história. Como Bakhtin afirma ser todo discurso construído a partir de outro, o trabalho da análise consiste em esmiuçar o conjunto de textos selecionado a fim de estudar outras vozes presentes nos textos. Também cabe nesta análise entender a construção do *ethos* que se forma nos textos de Lola. Sendo o *ethos*, para Maingueneau (2008), a personalidade do enunciador revelada por meio da enunciação (tópico 1.10), procura-se identificar nos textos a formação desse *ethos* e como se dá a sua incorporação pelas leitoras.

A prioridade da análise é a escrita. Não cabe aqui fazer um estudo das imagens que acompanham as postagens de Lola, mas apenas referenciá-las, uma vez que são parte essencial do discurso e sua análise ultrapassa os limites deste trabalho. A opção pela escrita deu-se pelo interesse em estudar na linguagem verbal os aspectos mais significativos do texto. Apesar de apresentarem links que também ajudam a construir o discurso da blogueira (com remissões a outros *posts* e sites), os textos ainda assim são extensos para o que normalmente é esperado da escrita na internet. Para a análise, foram feitos recortes discursivos¹¹ que continham aspectos ricos no que diz respeito ao ponto de vista da autora.

3.4 Do diário ao ciberativismo feminista

O blog *Escreva Lola Escreva* foi, de início, pensado para ser um diário de Lola. Como já mencionado no capítulo anterior, a característica da confissão secreta tão vinculada ao diário escrito (de papel) perdeu força na internet. No antigo diário, o leitor é o próprio autor. Não é à toa que muitos diários vinham acompanhados de mini cadeados com chave, para que só o escritor tivesse acesso. Ao migrar para a rede, o número de leitores desse gênero cresce incontroladamente. Isso porque, nos ciberdiários, há sim uma confissão, mas ela se dá com vistas à individualidade publicizada (LEMOS, 2002). A seguir o trecho de um dos textos do blog traz marcas de experiências pessoais que se relacionam ao diário:

¹¹ Partes (palavras, expressões, frases) dos trechos (recortes discursivos) estão destacadas em negrito para facilitar a identificação delas nos trechos, quando referenciadas ao longo da análise.

Trecho 1:

*Quando eu tinha 12 ou 13 ou 14 anos, estava na Praia dos Ossos, em Búzios, a um quarteirão da casa que **minha família alugava** para passar as férias. Havia uma pousada que se transformava em boate à noite, e às vezes em cinema. Era lá que **eu estava**, pronta pra ver algum filme, quando uma moça simpática se aproximou de mim e começou uma conversa estranha. (...) (texto postado em 08/03/2008)*

É no diário que a pessoa fala sobre suas emoções e ideias e conta o que aconteceu. Geralmente quem escreve um, alimenta-o diariamente, com informações sobre como foi o dia ou as férias, por exemplo. No trecho acima, a frase “Quando eu tinha 12 ou 13 ou 14 anos” mostra a infância ao fazer a marcação do tempo. Os verbos no passado carregam a força do acontecido como também da experiência vivida. A narração de ações que aconteceram na infância em primeira pessoa pessoaliza mais o depoimento. Logo, devido a essa característica da escrita íntima e também como forma de manter um ambiente “aconchegante” para as visitas, Lola procura manter uma proximidade com as leitoras por meio da linguagem coloquial ou informal. O blog tem uma tendência à escrita marcada pela fala, ou seja, uma escrita em tom de conversa. Essa conversa pode ser percebida nas muitas marcas de oralidade que estão espalhadas pelos textos, como no exemplo a seguir, onde Lola intensifica o tamanho da lista ao introduzir na palavra “longe” quatro “o” a mais. Na leitura, a entonação muda:

Trecho 2:

*(...)Obviamente, esta lista está **loooonge** de esgotar qualquer assunto. Apenas incluí alguns livros que já li ou que, assim que eu tiver tempo pra respirar, espero poder ler.(...)*

É essa linguagem informal que se usa quando os coenunciadores são amigos ou da mesma família. É ela também que permite que o outro se sinta à vontade para utilizar gírias, palavrões ou até mesmo palavras em um sentido conotativo que apenas as pessoas do grupo conhecem (formação discursiva determinada). Outra marca de coloquialidade no blog está presente em alguns nomes dados às sessões do blog, mencionadas acima no tópico com informações sobre o blog (3.2). Por exemplo, a lista dos blogs recomendados pela autora é nomeada como “vai lá”, mais abaixo, o espaço reservado para crônicas de cinema em ordem alfabética leva o nome “todas as crônicas de cinema, ueba!” e os comentários ficam contabilizados com o nome “fala gente fala”, parafraseando o nome do blog. Feita a observação, segue-se para a continuação do trecho anterior. Nele algumas outras marcas coloquiais podem ser percebidas:

Trecho 3:

(...) *Lá pelas tantas*, falou de um senhor, muito rico, muito educado, um doce de pessoa, que adoraria me conhecer. Ela apontou pra ele, e lá estava um velho horroroso do outro lado, me dando *tchauzinho*. Ela continuou dizendo que, se eu saísse com ele, ele poderia me dar coisas muito legais, como carro, dinheiro, apartamento - *como ele havia feito tão generosamente com ela*. (08/03/2008)

Apesar de os textos do blog estarem inscritos em um suporte gráfico, eles são constituídos por enunciados de estilo falado. Isso porque, mesmo que os textos sejam destinados à leitura, eles possuem traços característicos de um enunciado dependente¹². Esses traços podem ser artigos demonstrativos (esses, aqueles) ou, como no exemplo acima, o “lá” que se referem a objetos não acessíveis ao leitor. No trecho acima, além da coloquialidade, o uso da expressão “lá pelas tantas” indica passagem de tempo: horas/tempo depois; demora para que a moça falasse sobre o homem rico. Indo à segunda linha, percebe-se os valores presentes no uso da palavra “tchau” no diminutivo. O acréscimo do sufixo “zinho” não diz respeito à variação de tamanho. Nesse caso, é válido analisar o contexto para desvendar o que está por trás da escolha do sufixo. O emprego da palavra traz a intenção da autora de desprestigiar o gesto do homem. Esse desprestígio é reforçado no uso do substantivo “velho” e do adjetivo “horroroso” ao se referir ao homem. No mesmo trecho acima temos outro recurso recorrente nos textos de Lola: a polifonia, que toma forma pela ironia. Está presente a ironia quando o enunciador subverte a sua própria enunciação (MAINGUENEAU, 2008). No final do trecho acima, em “como ele havia feito tão generosamente com ela”, percebemos a voz de duas pessoas: a de Lola e a de outra pessoa que fala seriamente e é ridicularizada pela blogueira. Nesse caso, não há marca explícita no texto que mostre a ironia: não há aspas nem nenhum índice que chame atenção para a palavra “generosamente”. Mas é justamente nela que está presente a ironia. Só é possível concluir isso, se, ao analisar a frase, o leitor perceber alguns indícios presentes no texto e no contexto social. No texto, esses indícios aparecem na expressão “conversa estranha” (trecho 1) usada por Lola para mostrar o espanto dela pela proposta da moça. A partir do contexto social, infere-se que ninguém chega sem conhecer uma pessoa e a oferece artigos caros de graça. Na nossa cultura machista, no caso da relação homem/mulher, quando isso acontece, o homem vai querer algo em troca. E mesmo sem mencionar o termo exploração sexual no texto, pode-se perceber que o que o senhor queria com Lola era explorá-la

¹² Maingueneau (2008) define enunciados dependentes do ambiente quando eles são destinados a um co-enunciador presente no mesmo ambiente físico do enunciador.

sexualmente (já que, na época, ela era menor de idade) e, para isso, vai tentar atraí-la com dinheiro. Logo, Lola utiliza a palavra “generosamente” no sentido contrário do que ela realmente quer dizer e atribui esse enunciado à outra pessoa. Seguem outros exemplos de ironia nos textos analisados:

Trecho 4:

*(...) Tive de mudar de lugar três vezes, porque algum energúmeno (quando se trata de homens machistas que usa adjetivos desqualificantes) sentava-se ao meu lado e começava a puxar conversa – durante o filme! **Porque obviamente eu fui ao cinema ver um filme meio de arte de quatro horas pra catar homem!** (...) (texto postado em 08/03/2008)*

Trecho 5:

*(...) O 8 de março representa o Dia Internacional da Mulher desde 1975, mas não passa um ano sem que a gente ouça **asneiras** como **“Todo dia é dia da mulher!”** ou **“Deveria haver um Dia Internacional do Homem”**. Geralmente essas **besteiras** são proferidas pelas mesmas pessoas que creem que a Lei Maria da Penha discrimina os homens, e que é injusta, **porque quem protege os machões, tadinhos?** (essa gente não sabe que estatísticas existem e desconhece a realidade em que vive).(…) (texto postado em 08/03/2010)*

No quarto trecho a ironia se dá na expressão em negrito. Ao afirmar que foi ao cinema para procurar homem, Lola coloca a responsabilidade do enunciado “na boca” de outra pessoa. O que ela quer dizer é totalmente o inverso. Com isso, ela busca ridicularizar a enunciação de quem afirma que meninas que vão ao cinema sozinhas querem ser paqueradas. A exclamação ao final do enunciado traz consigo a indignação, que, se traduzida para um enunciado oral, seria sinônima a uma voz mais forte, uma expressão facial ou até mesmo um grito. No quinto trecho, também temos ironia, e a blogueira intensifica a crítica ao incluir o adjetivo “tadinhos”. Para ela, a maioria deles é o principal motivo para a criação da lei. Ou seja, reprova a voz de pessoas (presente na sua própria enunciação) que acham a Lei Maria da Penha injusta com os homens. Além das vozes presentes na ironia, temos a explicitação dessas vozes por meio do discurso direto. Quando Lola reproduz a fala dessas pessoas por meio da citação direta, como nas frases “Todo dia é dia da mulher!” e “Deveria haver um Dia Internacional do Homem”, ela está valorizando o falante, uma vez que a fala da pessoa aspeada tal qual foi dita mostra distanciamento do locutor. No entanto, Lola dá a palavra ao outro, mas, ao mesmo tempo, desqualifica-a ao definir essas falas como “asneiras” e “besteiras”. Fácil entender porque essa desvalorização acontece, visto que essas vozes em citações diretas

são as das mesmas pessoas que não aprovam da Lei Maria da Penha e que foram subvertidas na ironia. Uma identificação para essas vozes do trecho poderia ser o senso comum, pois a maioria da população brasileira ainda acredita nas afirmações aspeadas.

Trecho 6:

(...) É um dia de luta. De celebrar conquistas. De discutir tudo que ainda precisa ser feito. Eu finalmente, até que enfim, aleluia, darei um presente a você. Uma coisa que talvez um entre dez emails que eu recebo pede: sugestões de leitura feminista.(texto postado em 08/03/2013)

No sexto trecho há a presença da interdiscursividade manifestada e materializada por meio da intertextualidade. A expressão *aleluia*¹³ remete ao discurso bíblico. Na bíblia, “aleluia” é uma palavra de exaltação e elogio a Deus. Nas conversas de grupos de amigos, colegas de trabalho ou família a palavra é usada popularmente no sentido de “finalmente” ou “alegremo-nos”. No trecho, Lola reforça as palavras “finalmente” e “até que enfim” somando-as a aleluia. Nota-se também que, apesar de Lola definir-se ateia, ela se apropria de uma expressão católica para melhor se expressar. Além das postagens diárias, três vezes na semana Lola vincula no blog os *guest posts*, ou postagem dos convidados (tópico 3.2). São textos que falam de experiências de vida de outras pessoas ou pontos de vista sobre determinado assunto. O trecho a seguir foi retirado do segundo texto analisado, postado no dia 8 de março de 2009. Uma blogueira chamada Marjorie enviou sua opinião sobre o Dia Internacional da Mulher e antes de publicá-la, Lola faz uma introdução explicando sobre o que os leitores poderiam encontrar adiante:

Trecho 7:

*(...) Ela [Marjorie] que tomou a iniciativa de enviar este ótimo texto pros blogs que quisessem publicá-lo, algo meio viral. E, como **acho que não escreveria melhor, tá.** (...) Por outro lado, sinto a alegria da migalha: que bom que pelo menos lembram da gente um dia por ano! (se bem que **a-do-ro** como a mídia impressa comemora o dia: ou é mostrando mulheres como mães, ou mostrando mulheres como **mulherzinhas** do tipo "maiores consumidoras do capitalismo", como já dizia Germaine Greer nos anos 70. Só. **Feminismo segue sendo ofensa**). Eu não rejeito rosas, e inclusive aceito chocolates, mas seria pedir demais que um tratamento respeitoso às mulheres fosse estendido pros 364 dias restantes? (É, vamos fantasiar que hoje nenhuma mulher seja violentada ou apanhe do companheiro). **Vamos ao texto da Marj, que consegue ser/estar ainda mais revoltada do que eu:** (texto postado em 08/03/2009)*

¹³ Aleluia é uma transliteração da palavra hebraica הַלְלוּיָהוּ (Halləluya em hebreu padrão), que significa “Louvem! Adorem! Deus”

Primeiro, a tipografia usada no relato de Marjorie é diferente da tipografia da introdução feita por Lola (além de tipias diferentes, a de Lola está em itálico e, a de Marjorie, normal). Isso mostra a diferenciação intencional dada aos relatos pela dona do blog. O título da parte escrita por Marjorie é “Dispensando esta rosa!”. Assim como no exemplo anterior (trecho seis), também temos intertextualidade (o texto de Lola e o de Marjorie) neste texto. A intertextualidade é explícita, já que a fonte é citada, e também tem valor de captação ao seguir orientação do intertexto (incorpora de forma positiva), no caso, o texto de Marjorie. Lola se apropria do discurso de outra escritora para reforçar seu discurso. Essa apropriação é explícita porque há intertextualidade, e também porque Lola chega a dizer que acha que não escreveria melhor (2ª linha) e também quando afirma (na última linha) que Marjorie está tão revoltada quanto ela. Outras observações que podem ser feitas no trecho é a ironia, a marca de oralidade e a brincadeira presentes na palavra “adoro”. Lola a divide silabicamente (a-do-ro) para dar ênfase que não gosta de como a mídia impressa mostra a mulher na data. Na verdade, ela não adora, e sim rejeita. Também se faz presente para criticar, mais uma vez, o diminutivo. A palavra “mulherzinhas” não aparece no sentido de mulheres pequenas, mas sim, mulheres que gostam de comprar, conhecidas na linguagem popular por madames, peruas ou patricinhas. O tratamento oferecido a Marjorie, na última linha, aproxima as duas afetivamente por meio do apelido “Marj”. A seguir veremos que o depoimento de Marjorie serviu de base para textos comemorativos de 8 de março de anos posteriores.

3.5 A metáfora da flor no discurso feminista

A metáfora da rosa é um tema recorrente nos textos analisados. Essa metáfora diz respeito ao senso comum que compara mulheres a rosas. Quatro dos seis textos (os de 2009, 2010, 2012 e 2013) tocam no assunto rosa, tanto na escrita como utilizando imagens de flores. Os únicos textos que não tocaram no assunto foram os de 2008 e 2011. A metáfora da rosa ganha força quando a maioria das mensagens prestada às mulheres no Dia da Mulher está acompanhada de um buquê ou uma única rosa. Basta se perceber que no dia 8 de março, as floriculturas vendem mais do que em outras datas. Lola não gosta dessa metáfora da mulher como flor. Ela, na posição de feminista, não concorda que as mulheres devam ser admiradas apenas pela beleza e por ser o sexo frágil. Dessa forma, o senso comum as assemelha com as flores, já que basta tirar uma pétala ou arrancá-las da planta para que elas logo morram. Lola também faz uma crítica

à atribuição obrigatória da feminilidade ou da delicadeza das rosas às mulheres. Feminilidade reforçada pela imposição dos padrões de beleza, e delicadeza fixadora da virgindade, que não aceita que mulheres solteiras sejam sexualmente ativas. As remissões a essa metáfora são constantes, como se pode ver a seguir em trechos (em ordem cronológica) das postagens comemorativas do Dia da Mulher nos seis anos de blog.

Trecho 8

Texto “Dia Internacional da mulher: toda rosa tem espinhos”

*(...) **Eu não rejeito rosas**, e inclusive aceito chocolates, mas seria pedir demais que um tratamento respeitoso às mulheres fosse estendido pros 364 dias restantes? (É, vamos fantasiar que hoje nenhuma mulher seja violentada ou apanhe do companheiro). Vamos ao texto da Marj, que **consegue ser/estar ainda mais revoltada do que eu**: (texto postado em 08/03/2009)*

Trecho 9

Texto “Troca-se rosa por salário decente”

*(...) Por isso, no Dia Internacional da Mulher, **nós dispensamos as rosas de presente**. Se nos deixarem ocupar cargos bem-remunerados, teremos dinheiro para comprar **nossas próprias flores**. (texto postado em 08/03/2010)*

Nos dois trechos, Lola usa o ato de dar rosas às mulheres no Dia Internacional da Mulher para reforçar seu discurso feminista. Percebe-se na leitura dos dois trechos que, enquanto no trecho 9 Lola rejeita flores, no trecho 8 (um ano antes), ela não vê problema algum em receber flores e até brinca ao dizer que recebe chocolates. São afirmações contraditórias, mas que podem ser explicadas ao analisar o discurso. Lola não aceita que as rosas sejam ofertadas às mulheres como forma de se desculpar pelos outros 364 em que elas são maltratadas. Mas na frase “eu não rejeito rosas”, a blogueira mostra uma recaída conservadora ao aceitar as flores. Essa recaída pode ser explicada pelo fator convivência social. Muitas vezes, o indivíduo inserido na sociedade tem de fazer certas concessões para que seja aceito, agindo com educação. Com essa frase, Lola quer dizer implicitamente que: “o que há de mal em receber um mimo bonito e cheiroso?”. Mas a aceitação das flores também pode ser entendida a partir da construção discursiva do sujeito pelo viés da Psicanálise. Seria, para Pêcheux (1.2), o caso do surgimento do sujeito na língua por meio do inconsciente. Nesse caso, entender-se-ia a aceitação às flores como um lapso, um ato falho, o desejo do inconsciente manifestado na fala de Lola.

No trecho 9, utiliza-se novamente a metáfora da rosa, mas, dessa vez, para criticar o mercado de trabalho, que oferece às mulheres cargos mal-remunerados e permite que os homens ocupem os bem-remunerados. É como se ela dissesse que não quer continuar recebendo flores e ocupando os cargos mais baixos. Prefere ter um bom trabalho que a permita ter dinheiro para comprar as próprias flores. Para ela, bons cargos são preferíveis a flores bonitas.

Trecho 10

Texto “Dia de luta. Não só hoje”

*(...) Pra muita gente que não tem contato com o feminismo, virou dia de mulher **receber uma rosa** e ouvir um "parabéns por ser mulher" (alguns **exemplos incríveis** aqui). E, bem no nosso dia, ouvimos as mensagens que refoçam os estereótipos, como "Mulher, você é a coisa mais linda do universo, porque você cria a vida" (uma só frase pra lembrar nossos dois papéis na sociedade: sermos decorativas e sermos mães). E é por isso que o feminismo é fundamental. Pra lutar. Pra fugir do senso comum. Hoje é uma data importantíssima pro feminismo, com eventos, celebrações e reivindicações por todo o Brasil. A data é uma conquista do feminismo, **não do capitalismo distribuidor de rosas** que diariamente nega e reforça o sexismo. (...) O que também quer dizer que **já passou da hora de sermos doces e delicadas como rosas**. O nosso feminismo **tem espinhos**. (...) (texto postado em 08/03/2012)*

Aqui a crítica é contra a metáfora da rosa. Lola deixa bem claro que é preciso acabar com essa comparação quando afirma que “já passou da hora de sermos doces e delicadas”. É como se Lola dissesse que não existe doçura nem delicadeza nas feministas, que pelo menos elas não são como as rosas. Percebe-se que um aspecto reforçador da metáfora da rosa tanto nesse trecho (trecho 10) quanto no anterior (trecho 9) é a retomada do *guest post* de 2009 de Marjorie por meio de links. Nesse trecho a expressão linkada (2012) é “tem espinho” e no trecho anterior (2010) é “dispensamos as rosas”. Lola com isso traz a tona todo o discurso já veiculado e reforça o seu posicionamento contra a metáfora da rosa e a favor das palavras de Marjorie. A crítica à metáfora da rosa também se faz presente na frase “não do capitalismo distribuidor de rosas”. Com esse trecho, Lola quer afirmar que o capitalismo é reforçador da metáfora da rosa, uma vez que é ele quem distribui as flores e, com isso, ajuda a reforçar o sexismo e a submissão da mulher. Nesse discurso é como se o capitalismo mantivesse a alienação e o *status quo* sem deixar de gerar lucro por meio da venda das flores.

A escolha das palavras que são linkadas por Lola é importante na construção do discurso. Pode-se ver que ela escolheu palavras que tivessem relação tanto com o título da postagem quanto do *guest post* que está inserido nela (nome da postagem: Dia

Internacional da Mulher: toda rosa tem espinhos; nome do *guest post*: Dispensando esta rosa!). A escolha de palavras aleatórias dentro do texto que se quer relacionar com outro pode complicar o trajeto feito pelo leitor. Apesar de escrever textos longos e que exigem uma leitura linear, Lola chega a quebrar essa linearidade da escrita por meio da inserção de links. Os links são uma característica do hipertexto digital, pois como mostra Levy (1996), no segundo capítulo, o hipertexto digital apresenta milhares de opções de clicks e de possíveis leituras. E é isso que acontece nos posts de Lola: Ela sugere links para dentro do próprio blog, mas também linka páginas de outros blogs feministas ou sites jornalísticos. O leitor é que vai seguindo a leitura que ele quer, aprofundando o conhecimento nas páginas que bem entender. No geral, os links são internos, mas a linkagem externa ajuda a conferir credibilidade ao que é dito, principalmente quando as fontes são confiáveis e de prestígio na sociedade, como é o caso de grandes jornais, instituições que realizam pesquisas ou blogs de autores renomados.

Volta-se à análise do trecho 10 (acima) e nota-se um aspecto na linkagem da expressão “tem espinho”: apesar de ela remeter ao *guest post* de Marjorie, a explicação do termo espinhos toma ares distintos nos dois textos. Enquanto no *guest post* de Marjorie, os espinhos, na metáfora da flor, são as características que o patriarcado atribui às mulheres, como a sedução seguida da traição, da manipulação e a da ardidez, no trecho 10, os espinhos que Lola confere ao feminismo não se referem ao fato de ele ser traiçoeiro, mas de ser uma arma, um obstáculo contra o machismo. Nesse caso, a diferença de significações da palavra espinhos não invalida a linkagem, visto que o próprio título da postagem ao qual o link é remetido (Dia Internacional da Mulher: toda rosa tem espinhos) utiliza conotativamente a palavra espinho com o mesmo sentido do texto anterior (trecho 10).

Trecho 11

Texto “É Dia Internacional da Mulher, e quem ganha presente é você”

(...) *Ha ha, ela é muito fofa! Convenhamos que esse trecho é irrepreensível, vai. Então é isso, gente. O mínimo que você que ainda não se assumiu feminista pode fazer hoje é dizer **SOU FEMINISTA**. Eu nem ligo se você não subir numa cadeira. Porque hoje **não é dia de receber parabéns e rosas**. É um dia de luta. De celebrar conquistas. De discutir tudo que ainda precisa ser feito.(...) (texto postado em 08/03/2013)*

Aqui no texto de 2013, novamente se reforça um discurso que recusa a receber rosas, mostrado em “não é dia de receber parabéns e rosas”. O trecho já começa com um

aspecto diferente: uma marca de oralidade que também é uma onomatopéia ao lembrar o som da palavra representada. O “Ha ha” é uma expressão da linguagem utilizada na internet¹⁴ que remete ao riso, assim como “rs”, “hehe” ou “kkkk”. O uso dela no texto confere maior oralidade e, com isso, mais proximidade com as leitoras. O uso da expressão “SOU FEMINISTA” em caixa alta é utilizada na internet quando se quer destacar e dar força a uma palavra. No caso, Lola está estimulando as meninas a gritarem “Sou feminista”. Traduzindo para o enunciado oral, é como se fosse a caixa alta representasse um grito. Outro exemplo da linguagem virtual no blog a seguir:

Trecho 12

*(...) Homens precisam repensar o modelo de masculinidade que querem seguir. Precisam confrontar os inúmeros problemas que o sexismo causa também a eles. E que **tod@s nós, mulheres e homens**, devemos confrontar o sexismo que está internalizado dentro da gente. (...) (texto postado em 08/03/2012)*

O neologismo *tod@s* (segunda linha) foi inventado pelos usuários da internet. No enunciado acima, Lola reforça a marca do mundo virtual com a introdução dessa palavra no texto. O arroba (@) na palavra significa duas letras em uma só: o “o”, que representa o masculino, e o “a”, que representa o feminino, juntos. No uso da palavra acima pela feminista faz-se perceber algumas intenções da autora que não só critica o sexismo cultural, mas também o da própria linguagem. A língua portuguesa sempre foi masculina¹⁵. Mesmo quando se refere a homens e mulheres, a tendência é colocar o masculino na frente do feminino. A introdução do neologismo “*tod@s*” pode ser entendida como um confronto à história conservadora da linguagem, que tende a priorizar o masculino. Lola explica com o uso do aposto entre vírgulas e logo depois da palavra (mulheres e homens), que homens e mulheres estão presentes na palavra “*tod@s*”. Na escrita da língua portuguesa a palavra seria “*todos(as)*”, não apresentando a unidade que o “o” e o “a” juntos passam. Unidade essa que tem base no discurso da

¹⁴ Também conhecida pelo neologismo *internetês*, a linguagem utilizada no meio virtual tem a característica da concisão. A facilidade da escrita é priorizada a tal ponto de uma expressão ser representada por apenas duas ou três palavras. Com isso, a escrita das palavras recorre à fonética, e com isso, ocorre uma ruptura às regras de acentuação. Alguns exemplos: *você=vc*, *é=eh*. O uso de *emoticons* serve para demonstrar as reações humanas na rede.

¹⁵ A masculinidade da língua pode ser explicada pelo fato de ela ter sido criada por homens. Um exemplo é o fato de se existir três mulheres em uma sala e apenas um homem, o pronome adequado para se referir às quatro pessoas é “eles”, no masculino plural, embora a quantidade de mulheres seja superior.

feminista, já que ele combate o sexismo e luta pelos direitos iguais para homens e mulheres.

3.6 A construção do *ethos* no blog

Logo, nota-se que, mesmo nos textos em que Lola não cita explicitamente a metáfora da rosa (textos de 2008 e 2011), ela está contida, na medida em que existe um discurso contra o machismo da sociedade. Um discurso que tende a ridicularizar homens e mulheres que adotam essa postura. No primeiro texto analisado (08/03/2008) intitulado “Toda mulher tem uma história de horror pra contar”, Lola conta experiências de sua vida em que ela foi assediada por homens, mas que por sorte nunca foi estuprada. E que em uma conversa em um grupo de moças, todas já tinham sido seriamente ameaçadas ou sofrido tentativas de estupro. No texto de 2011, intitulado “Meu feminismo não é pra mim”, Lola conta os motivos pelos quais ela luta pelo feminismo. Motivos esses que a aproximam de causas de outras minorias, como os homossexuais e os negros. O feminismo de Lola é a favor do combate contra preconceitos.

Entendendo-se o *ethos* como a imagem construída no discurso, nos textos, pode-se construir a representação do corpo de um enunciador (não da autora). Como mostrado no primeiro capítulo (1.10), o que é dito e o tom em que é dito são igualmente importantes na construção do *ethos*, não mais os elogios acerca de si, seguindo a premissa de que o que o enunciador fala não diz o que ele é. O enunciador pode forjar o que se quer dizer manipulando uma enunciação e, caso o leitor perceba, o enunciador mostra o que ele é muito mais por meio desse disfarce do que pelo que ele disse. Logo, da leitura faz-se surgir o papel do fiador, que serve de referência sobre o que é dito. Os textos do blog conseguem atingir um público grande, uma parte, graças ao caráter opinativo que ele tem. Mas essa credibilidade não seria expressiva caso não existisse o *ethos* de um fiador que atuasse. Por isso, para exercer o poder de captação do *ethos*, ele precisa estar alinhado com a conjuntura ideológica. Dessa forma, faz-se presente o *ethos* de uma fiadora revolucionária. Mesmo que a figura feminista ainda esteja permeada de estereótipos, no blog, Lola tenta desmistificar essa figura e fazer com que ela seja estimulante para as leitoras que já o lêem frequentemente e também para as que todo dia chegam, seja diretamente (digitando o endereço eletrônico) ou pelo Facebook, onde ela tem uma página administrada por uma leitora.

Caso não houvesse atrativos na figura da mulher feminista, o número de mulheres que se sentiria reconhecida e participante do processo de incorporação do *ethos* seria bem menor. E essa tentativa de reconstruir a imagem da feminista se dá por meio da escolha de palavras e argumentos, e faz com que, no processo de incorporação, as leitoras se identifiquem com a fiadora. Com essa identificação, as mulheres experimentam o sentimento de “corpo”, de “unidade” com outras mulheres que também enfrentam os mesmos problemas contra o machismo da sociedade. Observa-se o trecho a seguir:

Trecho 13

*(...) O que quer dizer que não é todo mundo que cai no estereótipo de que feminista é **um bicho peludo e bigodudo que detesta homens**. Não apenas tem muita mulher que não cai nessa **mentira**, como **um terço das mulheres se diz feminista**. Tem cada vez menos gente virando a cara pro feminismo. (...) (texto postado em 08/03/2012)*

No trecho acima, Lola relaciona o fato de algumas mulheres acreditarem que feministas são “um bicho peludo e bigodudo que detesta homens” à palavra “mentira”. Com isso, ela vai desconstruindo o imaginário do senso comum e mostrando que as feministas não são isso. Ela ainda utiliza dados de uma pesquisa para dar credibilidade ao discurso ao afirmar que “um terço das mulheres [brasileiras] se diz feminista”. A incorporação desse dado no enunciado é importante na medida em que traz consigo a ideia de proporção de mulheres que já aderiram ao feminismo. Isso se torna estimulante para outras mulheres que ainda não conhecem a causa feminista.

3.7 Casos de paráfrase no blog

Antes da análise discursiva propriamente dita nos textos, vale-se compreender o surgimento do nome do blog. O nome *Escreva Lola Escreva* é formado por dois verbos intercalados pelo nome da autora. Os verbos estão no presente e também no imperativo. Existe aqui uma relação intertextual com o filme *Corra Lola Corra*, uma vez que o nome do filme também é formado por dois verbos no imperativo intercalados pelo nome da protagonista, que tem o mesmo nome da autora do blog. O filme alemão *Corra Lola Corra* (1998) conta a história de uma jovem (Lola) que tem vinte minutos para recuperar os cem mil marcos (moeda alemã) de uma gangue que o seu namorado perdeu no metrô. Com isso, Lola pretende salvá-lo das ameaças da gangue, da qual participa. Lola se veste de um modo diferente (e extravagante) se comparada às outras pessoas do filme.

O filme foi dividido em três cenas, todas diferentes, que levam a distintos desfechos da história, desde o caminho feito pela protagonista de casa até o telefone público onde o namorado a espera. As três cenas reconstituídas mostram que uma simples atitude pode mudar completamente o final de uma história. No filme, Lola corre o tempo todo, e o relógio é recorrente nas cenas.

Apesar de Lola afirmar que a escolha do nome do blog não teve nenhuma relação com o filme, pode-se perceber que a relação é de paráfrase textual explícita. Caracteriza-se como paráfrase uma “relação de equivalência entre dois enunciados, um deles podendo ser ou não reformulação do outro.” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004). Mas apesar da relação óbvia entre os nomes do filme e do blog, a paráfrase exige uma continuidade semântica entre os enunciados que ela aproxima. Pode-se perceber que o nome do blog funciona como se as leitoras fizessem um pedido a blogueira: “Escreva Lola! Nós estamos aqui querendo ler o que você diz.”. Analisando o nome do filme, também se pode identificar a voz de alguém que a manda correr. No caso, o namorado, que corre risco de vida. Também pode ser um pedido do público, que assiste a tudo ansioso pelos trajetos feitos pela atriz. A repetição do verbo nos dois enunciados, tanto no blog quanto no filme, reforça o pedido dessas vozes. A escolha dos verbos em ambos tem relação com a ação central que envolve os enunciados. Por exemplo, por se tratar de uma plataforma escrita, é pedido que Lola escreva. Já no filme, para que o problema central do seja solucionado é exigido pressa. E isso só pode ser obtido se Lola correr. Mas a paráfrase também está presente na área reservada aos comentários. “Fala gente fala” é o nome do local (abaixo do *post*) onde é feita a contagem dos comentários. Nesse caso, a voz presente é da própria Lola, que pede a participação do público, alimentando o debate e a pluralidade de opiniões. Ao optar pela palavra “falar”, a blogueira faz uma ordem de interação, na qual a ideia é que os leitores não só leiam o texto, mas mostrem o posicionamento deles com relação ao tema. Compreende-se, então, que há um entrelaçamento de discursos nessas nomeações. O discurso central do “Corra Lola Corra”, que já foi constituído de outros discursos anteriores e que dialoga com o “*Escreva Lola Escreva*” vai também construir outras relações semânticas e estilísticas no blog.

Conclusão

A partir das observações do terceiro capítulo embasadas nos conceitos dos primeiro e segundo, procurou-se mostrar que, com o surgimento e fortalecimento de blogs na internet a partir da liberação do pólo de emissão como mostrado em Lemos (2002), pessoas que antes eram anônimas na sociedade passaram a ganhar voz. A professora Lola Aronovich, com o estilo próprio de escrever conquista e convida cada vez mais o público a participar do *Escreva Lola Escreva*, seja por meio da leitura, pelos comentários sobre os posts ou mesmo pelo envio de emails com sugestões de postagens e relatos pessoais.

Assim como o objeto analisado, o crescimento dessas páginas de cunho ativista na internet propõe um espaço alternativo para debate que, muitas vezes, não é permitido em outros meios de comunicação. Dessa forma, o discurso do autor se configura como o principal e o responsável por reunir as vozes dos leitores que procuram o local para encontrar depoimentos semelhantes, apoio ou até mesmo ajuda, seja nos blogs individuais ou nos coletivos, onde mais de uma pessoa faz as postagens.

No caso do discurso de Lola, que se assume como a voz principal e de maior credibilidade no blog (credibilidade essa sustentada não só na boa escrita, mas nos títulos acadêmicos que Lola conquistou), a missão é de reunir todas as outras vozes de pessoas que se sentem participantes do feminismo e visitantes da página. Com relação à imagem de Lola absorvida nos textos pelos leitores, este trabalho mostrou que a construção e a incorporação do *ethos* se dão por meio da desmistificação que a autora faz da figura da feminista do senso comum, visando torná-la atrativa para a maioria das mulheres.

À propósito, percebe-se que um dos propósitos do blog escrito por Lola é o papel de desmistificar o discurso feminista, ao mostrar que uma infinidade de temas é tratada nos textos, e não apenas o ódio aos homens, que é tão propagado erroneamente pelas pessoas que não conhecem as propostas do feminismo. A internet tem ajudado não só o ciberativismo feminista, mas também outros movimentos online que encontram força nessa plataforma para favorecer o crescimento do movimento na rede ou mesmo como ferramenta de apoio aos encontros offline, visando o alastramento das ideias.

No estudo do blog, mostrou-se como alguns recursos usados por Lola ajudam não só a convidar o público leitor a pensar junto com a blogueira, mas também a fortalecer o discurso ao longo dos anos. Um desses recursos é o uso recorrente da metáfora da rosa, na qual Lola a carrega explicitamente na maioria dos textos e, nos que ela não a cita, o discurso presente nesses textos revela essa metáfora ao linkar com outros textos. No entanto, há trechos em que Lola parece apresentar posicionamento duplo acerca dessa metáfora. A contribuição da Psicanálise na Análise do Discurso permitiu entender essa dualidade, que pode ser explicada por Pêcheux quando ele afirma ser o sujeito perpassado também pelo inconsciente. E esse inconsciente se manifesta na língua por meio dos atos falhos.

Com a presente pesquisa pretende-se colaborar com os estudos de Comunicação com foco nos elos entre a Análise do Discurso e a Cibercultura. Os estudos que têm por objetivo analisar os textos inseridos no ambiente virtual se fazem cada vez mais atuais e fundamentais em um mundo em que o suporte digital vem se fazendo dominante. Essa análise deve abordar sim os aspectos ideológicos, sociais e lingüísticos do texto, mas com a migração do texto em papel na web e sua configuração para o hipertexto digital, os novos estudos devem também abordar novos processos na construção dos textos, como a inserção de links internos e externos, sessão para comentários, vídeos, escolha de tipografias e layouts variados.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de estado**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

AMÂNCIO, Lígia. **Feminismo**. Dicionário de Filosofia Moral e Política: Instituto de Filosofia da Linguagem, 2010.

AMOSSY, R. **Construção do ethos**: Imagens de si no discurso. Contexto: 2011.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 3. ed. Traduzido por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

BRANDÃO, Helena. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Unicamp, 1995.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

DANTAS, Maria Nívia. **O gênero blog**: ação social e multimodalidade. Programa de Pós-graduação em estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005, 105p.

ESCREVA LOLA ESCREVA. Acesso ao blog disponível em:
<http://www.escrevalolaescreva.blogspot.com.br>. Acesso em 1 de outubro de 2013.

FERREIRA, A. VIEIRA, J. A moda dos blogs e sua influência na cibercultura: do diário virtual aos posts comerciais. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Compós**.

FERREIRA, Dina Maria Martins. **Discurso feminino e identidade social**. 2. ed. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

FIORIN, José. **Linguagem e Ideologia**. 3. Ed. São Paulo: Ática S.A, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 1996. 79p.

GABRIELLI, Cassiana Panissa. **Análise crítica do discurso e teoria feminista – diálogos frutíferos**, 2008.

GAMA, Ana M. *et al.* **Análise do Discurso**: fundamentos e prática. Alagoas: Ed. UFAL. 2009. 131p.

GREGOLIN, Maria do Rosário; SARGENTINI, Vanice. **Análise do discurso:** heranças, métodos e objetos. São Carlos: Editora Claraluz, 2008, 192 p.

LEMOS, André. **A arte da vida:** diários pessoais e webcams na internet – XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 de setembro de 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000, 264 p.

_____. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1996, 160p.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** 5. ed. Tradução Souza-e-Silva, C. P.; ROCHA, D. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Doze conceitos em Análise do Discurso.** São Paulo: Parábola, 2010.

NOGUEIRA, Conceição. **Feminismo e discurso do gênero na psicologia social,** 2001. Artigo disponível em:
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4117/1/feminismo%20e%20discurso%20do%20g%C3%A9nero%20na%20psicologia%20social.pdf>.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento - As formas do discurso.** 4. ed. São Paulo: Pontes Editores, 1983.

ORLANDI, Eni. (org.) **Gestos de leitura.** Campinas – SP: ed. da Unicamp, 1994.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. 119 p. (Coleção História do Povo Brasileiro).

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011, 206p.

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti. **Redes e Ciberativismo:** notas para uma análise do centro de mídia independente. Trabalho apresentado no I Seminário Interno do Grupo de pesquisa em Cibercidades (FACOM-UFBA): 2003.

SCHIECK, Mônica. **Ciberativismo:** um olhar sobre as petições online. Rio de Janeiro: 2009.

STEFFEN, Luciana. A teologia feminista desconstruindo as desigualdades de gênero ainda presentes. **Anais do Congresso Estadual de Teologia.** São Leopoldo: EST, v. 1, 2013.

VITORINO, Grace Troccoli. **Feminismo e pós-feminismo: a dupla tessitura das relações de gênero.** Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará.

ANEXO 1 - TEXTO POSTADO EM 08/03/2008

TODA MULHER TEM UMA HISTÓRIA DE HORROR PRA CONTAR

Como hoje é Dia Internacional da Mulher e o que mais se ouve nesse dia é que, além do feminismo não ter mais razão de ser, as mulheres não precisam de um dia só pra elas, vale a pena refletir um tiquinho sobre os nossos direitos tão iguais. Não faz muito tempo que percebi, numa conversa informal com um grupo de moças, que todas haviam passado por no mínimo uma ocasião em suas vidas em que foram seriamente ameaçadas, espancadas, ou que conseguiram fugir de um estupro. Sério. Eram seis mulheres, de origens e idades distintas, e todas, sem exceção, tinham uma história de horror pra contar. Fiquei pensando nas minhas amigas e conhecidas e notei que isso se aplicava a elas também. Ou seja, não conheço mulher sem um histórico de violência ou, com sorte, de risco de violência. Se você é homem, não tem muita idéia do que é isso. Pros homens, o medo é de ser assaltado ou morto. Pras mulheres, tem isso também, mas há o medo do estupro, que é constante. Homem só tem medo de ser estuprado se for preso. Mulher tem medo de ser estuprada ao sair de casa. É uma diferença considerável. Mas vou contar as minhas histórias de horror. Nenhuma é tão terrível, porque tive a sorte de sempre conseguir escapar.

Quando eu tinha 12 ou 13 ou 14 anos, estava na Praia dos Ossos, em Búzios, a um quarteirão da casa que minha família alugava para passar as férias. Havia uma pousada que se transformava em boate à noite, e às vezes em cinema. Era lá que eu estava, pronta pra ver algum filme, quando uma moça simpática se aproximou de mim e começou uma conversa estranha. Lá pelas tantas, falou de um senhor, muito rico, muito educado, um doce de pessoa, que adoraria me conhecer. Ela apontou pra ele, e lá estava um velho horroroso do outro lado, me dando tchauzinho. Ela continuou dizendo que, se eu saísse com ele, ele poderia me dar coisas muito legais, como carro, dinheiro, apartamento - como ele havia feito tão generosamente com ela. Não lembro o que respondi, fora ter recusado, óbvio. Mas pouco depois fui pra casa e, chegando lá, narrei o convite pro meu pai, sem dar muita importância. Foi a reação dele que me fez notar, provavelmente pela primeira vez na vida, que meninas correm perigo.

Furioso, ele saiu na hora pra procurar o casal, mas não o encontrou. Quantas garotas acabam aceitando um convite desses? Um tempão depois, quando eu já tinha 20 e poucos anos e morava em SP e era voluntária do CVV (Centro de Valorização da Vida, um serviço que conversa com suicidas em potencial), saí do meu plantão livre, leve e solta, sentindo-me bem, acreditando na bondade humana. Era um domingo de sol, nem duas da tarde. Enquanto esperava pelo ônibus (nunca me atrevi a dirigir em SP) um cara parou seu carro e me ofereceu carona. E eu, ingênua, por estar tão feliz e crente na humanidade, aceitei e entrei. Rapidamente o indivíduo veio com indiretas e gracinhas. Eu me mantive calma e até disse pra ele algo como “Tenho certeza que você não é um psicopata, e que vai fazer exatamente o que se ofereceu pra fazer, que é me levar até a minha casa”. O cara provavelmente achou que eu era louca demais pra se tentar alguma coisa. E me deixou em casa.

Algo parecido aconteceu em Fortaleza, mais ou menos na mesma época. Passei um mês no Nordeste trabalhando feito uma máquina pro Ibope, entrevistando donas de casa pra um projeto gigantesco da Nestlé. Acho que tivemos três dias de folga naquele

mês. Era de domingo a domingo mesmo. Enfim, numa dessas raríssimas folgas, fui com uma colega a um bar. Lá conheci três rapazes aparentemente boa gente, universitários, classe média. Não lembro o que aconteceu com a minha colega (ela deve ter saído com alguém), mas já tava meio tarde, eu estava cansada e tinha que trabalhar cedo no dia seguinte, e quando esses rapazes me ofereceram carona até o meu hotel, aceitei. A conversa até então não tinha tido a menor conotação sexual. Eu não tava flertando com eles, nem eles comigo. E eu precisava de uma carona. Bom, qual não é minha surpresa quando o carro, com os três rapazes e eu, pára na garagem do prédio de um deles. E eles querem que eu suba pra beber alguma coisa, porque a noite é uma criança e tal. Eu não bebo. Eles deviam ter percebido isso quando viram que eu era a única alma tomando água num bar. Não tinha o menor interesse em nenhum deles, muito menos nos três, e, até aquele momento, eu pensava que isso era recíproco. Não. Eu expliquei que precisava chegar ao meu hotel logo. Eles não gostaram da recusa. Ainda tentaram inventar que era só pra gente subir rapidinho, porque um deles havia esquecido algo lá. Eu acho que consegui ser gentil mas firme quando avisei que não iria subir, e que se eles não me levassem ao hotel naquele momento, eu teria que sair do carro e arranjar outra forma de ir embora. Eles se olharam entre si, pesaram a situação, viram que eu não ia subir por bem, e me levaram pro hotel. Zangados ainda! (depois dessa, nunca mais peguei carona sozinha).

A pior situação foi em SP. Eu tinha 19 ou 20 anos. Queria muito ver o épico do Sergio Leone, “Era uma Vez na América”, que tava passando em algum cinema do centro (na época, finalzinho da década de 80, ainda havia salas fora dos shoppings). Mas nenhum amigo(a) quis ir comigo ver um filme de quatro horas no meio da semana. Então fui sozinha. Nenhum grande problema durante a sessão, tirando o fato que alguns homens não podem ver uma moça sozinha sem achar que ela está disponível. Tive de mudar de lugar três vezes, porque algum energúmeno sentava-se ao meu lado e começava a puxar conversa – durante o filme! Porque obviamente eu fui ao cinema ver um filme meio de arte de quatro horas pra catar homem! Três vezes, três energúmenos, até que desistiram e me deixaram ver o filme em paz. Terminada a sessão, peguei um ônibus, fui pra casa. Eu morava no bairro chique de Higienópolis. Era perto da meia noite e não havia ninguém na Av. Angélica. Desci do ônibus e, quando estava a alguns passos da entrada do meu prédio, um cara me agarrou por trás. Não vi o rosto dele nem de onde ele veio. Só sei que eu caí, e meus óculos caíram longe. Antes de dar tempo de pensar, eu me levantei e fui com meus punhos pra cima dele, muito, muito revoltada. Acho que o tarado não esperava essa reação, porque ele saiu correndo, e eu atrás dele, gritando e xingando. Voltei, peguei meus óculos, subi, liguei pra polícia. Meu amado papi ainda desceu pra ver se o pegava. Nada. Houve alguns outros momentos delicados, mas não muito significativos, que só acontecem com a gente por ser o sexo dominado. O incrível é que eu não sou exceção. Sou a regra. Ah sim, quase esqueci: Feliz Dia Internacional da Mulher.

DIA INTERNACIONAL DA MULHER: TODA ROSA TEM ESPINHOS

Hoje é Dia Internacional da Mulher, e esse dia levanta várias reações (a Cynthia apontou algumas no ano passado). Uma, a da pessoa sem noção, é "Ah, pra quê um dia da mulher? Mulher não é igual ao homem? Não conseguiu tudo que queria? Não precisa de dia especial!". Outra reação é a da mulher sentir-se lisonjeada com a homenagem. E aí tem a reação que a Marjorie escreveu aqui neste guest post que na realidade não é bem um guest post. Ela que tomou a iniciativa de enviar este ótimo texto pros blogs que quisessem publicá-lo, algo meio viral. E, como eu acho que não escreveria melhor, taí. Devo apenas dizer que não tenho opinião totalmente formada sobre o dia de hoje. Por um lado, lógico que eu gostaria que o sistema lembrasse de nós mulheres todos os dias do ano, e não só hoje. E por lembrar de nós eu quero dizer: não nos discriminar, não nos pagar salários menores aos dos homens, não nos bater, não nos estuprar, não adotar padrões duplos para o comportamento sexual, não interferir nos nossos corpos, e não ver apenas nossos corpos (pedir pra não ver nossos corpos é impossível, então peço que ao menos considerem também outras qualidades nossas). Entre outras coisas. Por outro lado, sinto a alegria da migalha: que bom que pelo menos lembram da gente um dia por ano! (se bem que a-do-ro como a mídia impressa comemora o dia: ou é mostrando mulheres como mães, ou mostrando mulheres como mulherzinhas do tipo "maiores consumidoras do capitalismo", como já dizia Germaine Greer nos anos 70. Só. Feminismo segue sendo ofensa). Eu não rejeito rosas, e inclusive aceito chocolates, mas seria pedir demais que um tratamento respeitoso às mulheres fosse estendido pros 364 dias restantes? (É, vamos fantasiar que hoje nenhuma mulher seja violentada ou apanhe do companheiro). Vamos ao texto da Marj, que consegue ser/estar ainda mais revoltada do que eu: (captação)

Dispensando esta rosa!

Dia 8 de março seria um dia como qualquer outro, não fosse pela rosa e os parabéns. Toda mulher sabe como é. Ao chegar ao trabalho e dar bom dia aos colegas, algum deles vai soltar: "parabéns". Por alguns segundos, a gente tenta entender por que raios estamos recebendo parabéns se não é nosso aniversário (exceção, claro, à minoria que, de fato, faz aniversário neste dia). Depois de ficar com cara de bestas, num estalo a gente se lembra da data, dá um sorriso amarelo e responde "obrigada", pensando: "mas por que eu deveria receber parabéns por ser mulher?". Mais tarde, chega um funcionário distribuindo rosas. Novamente, sorriso amarelo e obrigada. É assim todos os anos. Quando não é no trabalho, é em alguma loja. Quando não é numa loja, é no supermercado. Todos os anos, todo 8 de março: é sempre a maldita rosa. Dizem que a rosa simboliza a "feminilidade", a delicadeza. É a mesma metáfora que usam para coibir nossa sexualidade -- da supervalorização da virgindade é que saiu o verbo "deflorar" (como se o homem, ao romper o hímen de uma mulher, arrancasse a flor do solo, tomando-a para si e condenando-a -- afinal, depois de arrancada da terra, a flor está

fadada à morte). É da metáfora da flor, portanto, que vem a idéia de que mulheres sexualmente ativas são "p***s", inferiores, menos respeitáveis.

A delicadeza da flor também é sua fraqueza. Qualquer movimento mais brusco lhe arranca as pétalas. Dizem o mesmo de nós: que somos o "sexo frágil" e que, por isso, devemos ser protegidas. Mas protegidas do quê? De quem? A julgar pelo número de estupros, precisamos de proteção contra os homens. Ah, mas os homens que estupram são psicopatas, dizem. São loucos. Não é com estes homens que nós namoramos e casamos, não é a eles que confiamos a tarefa de nos proteger. Mas, bem, segundo pesquisa Ibope/Instituto Patricia Galvão, 51% dos brasileiros dizem conhecer alguma mulher que é agredida por seu parceiro. No resto do mundo, em 40 a 70 por cento dos assassinatos de mulheres, o autor é o próprio marido ou companheiro. Este tipo de crime também aparece com frequência na mídia. No entanto, são tratados como crimes "passionais" -- o que dá a errônea impressão de que homens e mulheres os cometem com a mesma frequência, já que a paixão é algo que acomete ambos os sexos. Tratam os homens autores destes crimes como "românticos" exagerados, príncipes encantados que foram longe demais. No entanto, são as mulheres as neuróticas nos filmes e novelas. São elas que "amam demais", não os homens.

Mas a rosa também tem espinhos, o que a torna ainda mais simbólica dos mitos que o patriarcado atribuiu às mulheres. Somos ardilosas, traiçoeiras, manipuladoras, castradoras. Nós é que fomos nos meter com a serpente e tiramos o pobre Adão do paraíso (como se Eva lhe tivesse enfiado a maçã goela abaixo, como se ele não a tivesse comido de livre e espontânea vontade). Várias culturas têm a lenda da vagina dentata. Em Hollywood, as mulheres usam a "sedução" para prejudicar os homens e conseguir o que querem. Nos intervalos do canal Sony, os machos são de "respeito" e as mulheres têm "mentes perigosas". A mensagem subliminar é: "cuidado, meninos, as mulheres são o capeta disfarçado". E, foi com medo do capeta que a sociedade, ao longo dos séculos, prendeu as mulheres dentro de casa. Como se isso não fosse suficiente, limitaram seus movimentos com espartilhos, sapatos minúsculos (na China), saltos altos. Impediram-na que estudasse, que trabalhasse, que tivesse vida própria. Ela era uma propriedade do pai, depois do marido. Tinha sempre de estar sob a tutela de alguém, senão sua "mente perigosa" causaria coisas terríveis.

Mas dizem que a rosa serve para mostrar que, hoje, nos valorizam. Hoje, sim. Vivemos num mundo "pós-feminista" afinal. Todas essas discriminações acabaram! As mulheres votam e trabalham! Não há mais nada para conquistar! Será mesmo? Nos últimos anos, as diferenças salariais entre homens e mulheres (que seguem as mesmas profissões) têm crescido no Brasil, em vez de diminuir. Nos centros urbanos, onde a estrutura ocupacional é mais complexa, a disparidade tende a ser pior. Considerando que recebo menos para desempenhar o mesmo serviço, não parece irônico que o meu colega de trabalho me dê os parabéns por ser mulher? Dizem que a rosa é um sinal de reconhecimento das nossas capacidades. Mas, no ranking de igualdade política do Fórum Econômico Mundial de 2008, o Brasil está em 100º lugar entre 130 países. As mulheres têm 11% dos cargos ministeriais e 9% dos assentos no Congresso -- onde, das

513 cadeiras, apenas 46 são ocupadas por elas. Do total de prefeitos eleitos no ano passado, apenas 9,08% são mulheres. E nós somos 52% da população.

A rosa também simboliza beleza. Ah, o sexo belo. Mas é só passar em frente a uma banca de revistas para descobrir que é exatamente o contrário. Você nunca está bonita o suficiente, bobinha. Não pode ser feliz enquanto não emagrecer. Não pode envelhecer. Não pode ter celulite (embora até bebês tenham furinhos na bunda). Você só terá valor quando for igual a uma modelo de 18 anos (as modelos têm 17 ou 18 anos até quando a propaganda é de creme rejuvenescedor...). Mas mesmo ela não é perfeita: tem de ser photoshopada. Sua pele é alterada a ponto de parecer de plástico: ela não tem espinhas nem estrias nem olheiras nem cicatrizes nem hematomas, nenhuma dessas coisas que a gente tem quando vive. Ela sorri, mas não tem linhas ao lado da boca. Faz cara de brava, mas sua testa não se franze. É magérrima (às vezes, anoréxica), mas não tem nenhum osso saltando. É a beleza impossível, mas você deve persegui-la mesmo assim, se quiser ser "feminina". Porque, sim, feminilidade é isso: é "se cuidar". Você não pode relaxar. Não pode se abandonar (em inglês, a expressão usada é exatamente esta: "let yourself go"). Usar uma porrada de cosméticos e fazer plásticas é a maneira (a única maneira, segundo os publicitários) de mostrar a si mesma e aos outros que você se ama. "Você se ama? Então corrija-se". Por mais contraditória que pareça, é esta a mensagem.

Todo dia 8 de março, nos dão uma rosa como sinal de respeito. No entanto, a misoginia está em toda parte. Os anúncios e ensaios de moda glamurizam a violência contra a mulher. Nas propagandas de cerveja e programas humorísticos, as mulheres são bundas ambulantes, meros objetos sexuais. A pornografia mainstream (feita pela Hollywood pornô, uma indústria multibilionária) tem cada vez mais cenas de violência, estupro e simulação de atos sexuais feitos contra a vontade da mulher. Nos videogames, ganha pontos quem atropelar prostitutas. Todo dia 8 de março, volto para casa e vejo um monte de mulheres com rosas vermelhas na mão, no metrô. É um sinal de cavalheirismo, dizem. Mas, no mesmo metrô, muitas mulheres são encoxadas todos os dias. Tanto que o Rio criou um vagão exclusivo para as mulheres, para que elas fujam de quem as assedia. Pois é, eles não punem os responsáveis. Achar difícil. Preferem isolar as vítimas. Enquanto não combatermos a idéia de que as mulheres que andam sozinhas por aí são "convidativas", propriedade pública, isso nunca vai deixar de existir. Enquanto acharem que cantar uma mulher na rua é elogio, isso nunca vai deixar de existir. Atualmente, a propaganda da NET mostra um pinguim (?) dizendo "ê lá em casa" para uma enfermeira. Em outro comercial, o russo garoto-propaganda puxa três mulheres para perto de si, para que os telespectadores entendam que o "combo" da NET engloba três serviços. Aparentemente, temos de rir disso. Aparentemente, isso ajuda a vender TV por assinatura. Muito provavelmente, os publicitários criadores desta peça não sabem o que é andar pela rua sem ser interrompida por um completo desconhecido ameaçando "chupá-la todinha".

Então, dá licença, mas eu dispenso esta rosa. Não preciso dela. Não a aceito. Não me sinto elogiada com ela. Não quero rosas. Eu quero igualdade de salários, mais

representação política, mais respeito, menos violência e menos amarras. Eu quero, de fato, ser igual na sociedade. Eu quero, de fato, caminhar em direção a um mundo em que o feminismo não seja mais necessário... Enquanto isso não acontecer, meu querido, enfia esta rosa no digníssimo senhor seu **.

ANEXO 3 - TEXTO POSTADO EM 08/03/2010

TROCA-SE ROSA POR SALÁRIO DECENTE

Não sou muito chegada a datas comemorativas, mas respeito o Dia Internacional da Mulher. Não que ele seja uma data pra distribuir rosas. É uma data de protesto. Foi no dia 8 de março de 1857 que um grupo de mulheres de uma fábrica de tecelagem em Nova York fez greve para reivindicar melhorias no trabalho. Para puni-las, os chefões as trancaram dentro da fábrica e tacaram fogo. 130 trabalhadoras morreram. O 8 de março representa o Dia Internacional da Mulher desde 1975, mas não passa um ano sem que a gente ouça asneiras como “Todo dia é dia da mulher!” ou “Deveria haver um Dia Internacionaldo Homem”. Geralmente essas besteiras são proferidas pelas mesmas pessoas que creem que a Lei Maria da Penha discrimina os homens, e que é injusta, porque quem protege os machões, tadinhos? (essa gente não sabe que estatísticas existem e desconhece a realidade em que vive). Que são as mesmas pessoas que têm certeza de que, hoje, mulheres, negros, gays e outras minorias já conquistaram tudo que precisavam e que a verdadeira vítima do preconceito atual é o homem branco hétero de classe média. Tanta gente ignorante crê nessa falácia sem sentido que o brucutu Dourado foi eleito o símbolo do BBB 10 e vai ganhar um milhão e meio de reais. Por quê? Por ser perseguido pela ditadura do politicamente correto, o pobre. Pra quem pensa que os maus tratos contra mulheres no trabalho são coisa do século 19, vale lembrar que Terra Fria, ótimo filme em que a Charlize Theron faz uma mineira atacada por seus colegas homens, se passa na década de 80. Ahn, 1980.

Muitos homens não perdoam mulheres por ocuparem seus cargos. Não que elas de fato peguem seus cargos. É só que, como se sabe, a maquinaria fez diminuir os postos de trabalho. E a década de 80 foi pródiga em achatar salários. Mas vários operários, ao invés de se revoltarem contra o sistema, decidiram centrar seu ódio nas mulheres que, segundo eles, conquistaram vagas tradicionalmente masculinas. Susan Faludi conta em seu fabuloso Backlash: The Secret War Against American Women (Retrocesso: O Contra-Ataque na Guerra Não-Declarada contra as Mulheres) que era comum operários aparecerem em fábricas com faixas dizendo: “Salve um posto de trabalho. Mate uma mulher”. Eles viam as mulheres como rivais, nunca como companheiras. E por que as mulheres passaram a querer ocupar funções até então negadas a elas? Porque puderam. Porque, no auge do feminismo americano, nos anos 70, o Congresso aprovou uma lei anti-discriminação. Ficou sendo proibido que empresas oferecessem cargos restritos para um dos sexos. Dezenas de empresas que

não abriam suas portas para a mão de obra feminina receberam uma notificação que isso teria que mudar. Lembra que eu dizia que certos empregos, como professora de escola primária, vão parar nas mãos de mulheres justamente porque pagam mal? Eu estava chutando. Não tinha dados. Mas Susan Faludi comprova tudinho. A divisão do trabalho é fundamental para manter as coisas como elas são. É só pesquisar: quem ganha mais, um pedreiro ou uma cabeleireira? Um médico ou uma enfermeira? Um psiquiatra ou uma psicóloga? Um estilista de moda ou uma costureira? Um chef ou uma cozinheira? Pense nas profissões majoritariamente masculinas, e você verá que são essas as que pagam melhor. Agora pense nas profissões majoritariamente femininas — o salário não costuma ser muito mais baixo? Não é coincidência que o emprego mais mal-remunerado na pirâmide social, o de empregada doméstica, seja todo ocupado por mulheres. Mulheres são reservadas para trabalhos que pagam menos mesmo. Isso explica porque na década de 80, nos EUA, houve uma explosão no número de mulheres motoristas de ônibus. Parecia uma conquista, mas, no fundo, de todas as categorias em que se dirige um veículo para sobreviver (taxista, caminhoneiro, motorista de limusine, piloto de avião etc), adivinhe qual é a categoria que paga menos? Motorista de ônibus. Foi bem essa fatia do mercado que coube às mulheres. Não, não há uma conspiração para afastar as mulheres dos empregos com maior remuneração. Mas há um acordo tácito, uma certa mitologia popular, que prega que mulheres não precisam ganhar tão bem, já que quem sustenta a casa deve ser o homem.

A mesma mitologia diz que mulheres não se realizam profissionalmente, apenas maternalmente. E que, como elas vão trabalhar menos porque terão filhos, elas merecem ganhar menos. Acontece que milhões de mulheres em todo o mundo sustentam sozinhas a família. Além das mães solteiras, calcula-se que menos da metade dos pais divorciados pagam pensão aos filhos, por exemplo. E mesmo entre mulheres que vivem com seus maridos, ganhar menos, em muitos casos, é uma forma de perpetuar a submissão. Por isso, no Dia Internacional da Mulher, nós dispensamos as rosas de presente. Se nos deixarem ocupar cargos bem-remunerados, teremos dinheiro para comprar nossas próprias flores.

ANEXO 4 - TEXTO POSTADO EM 08/03/2011

MEU FEMINISMO NÃO É PRA MIM

Meu feminismo não é pessoal, não é em benefício próprio. Eu geralmente não me sinto discriminada. Talvez já tenha sido em benefício próprio. Quando eu era jovem, solteira, e descobrindo a vida, eu odiava o padrão duplo pra homens e pra mulheres, aquilo de homem namorador ser garanhão, mulher namorada ser piranha. Eu gostava de sexo (gosto ainda!), então só podia ser uma ninfomaníaca, uma devoradora de

homens. Continuo achando esse padrão duplo detestável, mas como hoje sou uma respeitável senhora casada emonogâmica, minha sexualidade é bem menos vigiada. Acontece que na época em que comecei a me sentir feminista, lá pelos 8 anos, eu tinha pouquíssimos motivos pra me sentir discriminada. Vivia uma infância protegida. Tinha o melhor pai do universo, que me dizia todos os dias que eu era inteligente e linda e especial e que me amava. Eu o considerava bastante feminista, tirando um ou outro deslize como pedir pro meu irmão do meio “cuidar das meninas”, apenas por ser homem. Eu não era bullied na escola. Mas por algum motivo eu conseguia olhar pra longe do meu umbigo e entender que a minha realidade não era o padrão de todas as mulheres. Minha mãe assinava a revista americana Ms. e só pelo título eu já entendia que mulher recebia tratamento diferente dos homens (por que interessa o estado marital da mulher, se ela é Mrs., senhora, ou Miss, senhorita, sendo que pra homem é sempre Mr, senhor?). Eu tinha bonecas e adorava jogar futebol, e ninguém me dizia que eu precisava escolher. Eu estava estudando numa escola católica e tinha grandes conflitos pra aceitar que deus era pai, senhor, barbudão, branco, que seu único filho era um homem loiro, que a historinha de Adão e Eva era pra ser levada a sério (e a culpa caía na Eva!), que todos os papas tinham pênis, que freira não podia rezar missa, que Maria, a mãe do loirinho, era celebrada por ser virgem. Eu via TV e lia revistas e jornais e não gostava do que via, principalmente nas propagandas. Eu achava estranho que tinha mulher com pouca roupa em todo lugar que eu olhava, tanto nas capas das revistas femininas quanto das masculinas. Eu considerava esquisito que eu, bem mandona, não podia convidar um menino pra dançar. Eu era uma criança bonita, todo mundo me dizia isso, mas não achava muito importante (qual era o meu mérito em ter nascido de olhos verdes? E por que olhos verdes eram considerados mais bonitos que olhos escuros?).

Depois, já adolescente, escapei de poucas e boas que só aconteceram comigo por eu ser mulher. Tipo: um carinha querer me compartilhar com seu primo (sem ninguém pedir a minha opinião); um grupo de rapazes que pareciam confiáveis e que estavam me dando carona parar no apê de um deles e só aceitar continuar a viagem se eu subisse; um tarado desconhecido me agarrar quase em frente do meu prédio, à noite; um bando de bestalhões se sentarem do meu lado por eu ousar ir ao cinema sozinha; um ou outro idiota me passar a mão ou encostar em mim no ônibus, etc etc. Tive muita sorte que escapei, que, ao contrário de várias amigas, não fui estuprada. Nunca apanhei. Nunca engravidei, apesar de quase todos os meus parceiros quererem transar sem camisinha (eu não aceitava). E quando, aos 23 anos, conheci um homem pra chamar de meu, ele era (é ainda) gentil e querido e não achava que eu tinha que obedecer. As pessoas, enxeridas, perguntavam como e por que eu não queria ser mãe, e mandavam que eu usasse salto alto e maquiagem e emagrecesse, mas frankly my dear, eu não dava um damn pra elas. Nunca me senti preterida em nenhum emprego que tive. Se algum colega homem ganhava mais que eu, eu não sabia. Fiz mestrado e doutorado em universidade pública, passei em concurso, e meu gênero não me atrapalhou (nem ajudou) em nada. Então, nesse meu mundinho privilegiado em que o machismo me afetou muito pouco, por que fui e continuo sendo feminista? Talvez porque nunca achei que o mundo

girasse em torno de mim. Não sou pobre e, no entanto, empatico com pobres, quero que a vida deles melhore, voto em partidos que governam pra eles.

Não sou homossexual, mas fico indignada que alguém queira negar-lhes direitos que deveriam ser de todos. Não sou negra, e no entanto reconheço o enorme abismo que ainda existe entre negros e brancos, e por isso sou a favor de medidas paliativas como as cotas. Não sou cachorro nem gato, mas sei que, num mundo em que já não há muito respeito por humanos, também falta respeito pra bichos, e por isso colaboro com uma organização que recolhe e cuida de bichinhos das ruas. Preciso continuar, ou dá pra entender que algo não precisa ser da minha alçada pessoal pra eu lutar por aquilo? E por incrível que pareça, sempre defendi os direitos dos homens. Como o direito de poder não querer transar com alguém. Nunca achei que um homem fosse menos másculo por brochar comigo ou por não ter um berimbau do tamanho do dos astros pornôs. Aliás, nunca gostei nem acreditei em pornografia. Pra mim aquilo é tão real quanto, sei lá, Senhor dos Anéis. Nunca achei que os meninos têm que tomar a iniciativa. Sempre reparti a conta quando saímos. Sou contra o alistamento obrigatório. Diabos, sou contra o exército. Sou contra guerras. Tô me lixando se um homem ganha menos que eu. Não me importava se um garoto tinha carro, então por que vou me incomodar com isso agora? Luto pra que os meninos possam suportar a pressão e não caírem de bêbados, não colocarem suas vidas em risco dirigindo irresponsavelmente, não terem que fazer absolutamente nada em nome de uma masculinidade fajuta. Luto para que homens possam tocar em outros homens em situações que não envolvam apenas esportes.

Luto pra que homens possam ser sensíveis, possam chorar, possam ser carinhosos com sua família, possam resolver conflitos através de métodos não-violentos. Luto para que as prisões sejam lugares mais humanos, sem estupros, sem espancamentos, para que o prisioneiro seja reeducado pra conviver em sociedade. Luto para que os homens se responsabilizem em evitar a gravidez, para que não tenham que lidar com filhos indesejados, para que façam vasectomia, para que seja lançada uma pílula anticoncepcional masculina. Luto para que os homens façam tantos exames de próstrata quanto nós fazemos papanicolau, e previnam-se de um câncer que os mata como nós fazemos o melhor para nos prevenir dos nossos. Luto para que pais tenham licença-paternidade maior. Luto para que as mulheres trabalhem fora e ganhem bem para, assim, nenhum homem precisar sustentar uma casa sozinho. Luto para que homens que queiram exercer profissões predominantemente femininas (empregadas domésticas, enfermeiras, professoras primárias) possam fazê-lo sem problema algum. Luto pra que um homem que queira ser dono de casa não sofra qualquer preconceito. Luto para mudar uma realidade que é desigual, e portanto prejudicial, para ambos os gêneros. Meu feminismo sempre acreditou que é possível melhorar a vida de todos, homens e mulheres. Mesmo que a minha não tenha muito que melhorar. Até porque se fosse lutar pra melhorar apenas a minha vida, eu não teria por que lutar. É bem provável que, se eu não acreditasse que o feminismo fosse benéfico pra todo

mundo (não só pras mulheres), eu não seria feminista. Feliz Dia Internacional da Mulher.

ANEXO 5 - TEXTO POSTADO EM 08/03/2012

DIA DE LUTA. NÃO SÓ HOJE

bell hooks (ela prefere que seu nome não tenha letras maiúsculas) começa seu livro *O Feminismo é para Todos* contando que costuma dizer que é escritora, teórica feminista, e crítica cultural. Quando ela diz que analisa os meios de comunicação, todo mundo acha legal. Mas quando chega na parte da “teórica feminista”, o pessoal vira a cara. E diz pra ela o que praticamente toda feminista já ouviu: (que o feminismo é ruim, que as feministas odeiam os homens, que elas querem ir contra a natureza, que são lésbicas, que elas estão roubando empregos e tornando a vida difícil para os homens brancos. Se hooks pergunta de onde eles tiraram tanta informação sobre feminismo, eles não sabem especificar. Nunca leram nada sobre feminismo, nem ouviram palestras feministas. E é interessante como falam em feministas como “elas”, não “vocês”. Se hooks fala do feminismo que ela conhece, eles respondem que ela é diferente. E por isso que ela quis escrever esse livrinho simples e delicioso. Ela gosta de uma definição fácil: “Feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, com a exploração sexista, e com a opressão”. Perceba que em nenhum lugar na definição consta que o feminismo odeia homens ou quer acabar com eles. Acabar com o sexismo é bem diferente de acabar com os homens.

hooks é uma feminista negra. E, como tal, ela sente na pele que muitas vezes as mulheres brancas de classe média têm muito mais em comum com homens brancos de classe média que com mulheres negras e pobres, por exemplo. Portanto, não é só o fato de sermos mulheres que nos une. Desde o início da sua luta, hooks notou que feministas negras, assim como muitas lésbicas brancas (e, pra quem acha que toda feminista é lésbica, saiba que, no final dos anos 60, as feministas hétero foram extremamente resistentes a aceitar feministas lésbicas no movimento -- e isso não é um elogio), tinham problemas com feministas brancas que diziam que o feminismo era apenas sobre conseguir igualdade com homens no sistema vigente. Era evidente pras feministas negras e as feministas lésbicas que elas nunca teriam igualdade dentro de um sistema de supremacia branca e patriarcado capitalista (hooks define patriarcado como “sexismo institucionalizado”). Ou seja, as feministas mais revolucionárias (palavras da hooks) não querem apenas mais direitos dentro do sistema -- elas querem transformar o sistema.

As feministas mais mainstream tornaram o feminismo mais acessível ao espalhar a ideia que podem co-existir tantos feminismos quanto há indivíduos, mas, pra hooks, essa visão despolitiza o feminismo. Eu já ouvi isso diversas vezes: que tanto faz se uma mulher é conservadora ou progressista, ela pode ser feminista. Em outras palavras, no

caso de mulheres conservadoras, que elas podem ser feministas sem querer mudar o sistema. Poder, podem. Mas tem como mudar todo um sistema de exploração machista, racista e classista sem mexer nesse sistema? hooks defende algo que eu sempre defendi: que, sem o envolvimento de homens como aliados do feminismo, o movimento não progride. Homens precisam repensar o modelo de masculinidade que querem seguir. Precisam confrontar os inúmeros problemas que o sexismo causa também a eles. E que tod@s nós, mulheres e homens, devemos confrontar o sexismo que está internalizado dentro da gente. Isso inclui nós feministas. Como diz hooks: “Fomos socializadas como mulheres pelo pensamento patriarcal para nos vermos como inferiores aos homens, para nos vermos em competição umas com as outras por aprovação patriarcal, para nos olharmos com inveja, medo, e ódio. O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas as outras. O pensamento feminista nos fez desaprender este auto-ódio imposto”. hooks e outras feministas negras são fundamentais pro feminismo. Mas hoje é Dia Internacional das Mulheres, não necessariamente das feministas. E, como tudo no mundo, a data foi banalizada pelo capitalismo. Pra muita gente que não tem contato com o feminismo, virou dia de mulher receber uma rosa e ouvir um "parabéns por ser mulher" (alguns exemplos incríveis aqui). E, bem no nosso dia, ouvimos as mensagens que refoçam os estereótipos, como "Mulher, você é a coisa mais linda do universo, porque você cria a vida" (uma só frase pra lembrar nossos dois papéis na sociedade: sermos decorativas e sermos mães). E é por isso que o feminismo é fundamental. Pra lutar. Pra fugir do senso comum. (objetivos do feminismo) Hoje é uma data importantíssima pro feminismo, com eventos, celebrações e reivindicações por todo o Brasil. A data é uma conquista do feminismo, não do capitalismo distribuidor de rosas que diariamente nega e reforça o sexismo.

Vale lembrar que uma pesquisa recente da Perseu Abramo/Sesc feita com milhares de mulheres apontou que 31% das brasileiras se assumem feministas. 31% é muita gente. E isso que o levantamento excluiu quem não sabia o que era feminista (teve muita mulher que pensou que a pergunta fosse “você é feminina?”. Portanto, a pesquisa quis saber o que as entrevistadas entendiam por feminismo, e descartou respostas sem noção. E ainda assim deu 31%). O que quer dizer que não é todo mundo que cai no estereótipo de que feminista é um bicho peludo e bigodudo que detesta homens. Não apenas tem muita mulher que não cai nessa mentira, como um terço das mulheres se diz feminista. Tem cada vez menos gente virando a cara pro feminismo. O que também quer dizer que já passou da hora de sermos doces e delicadas como rosas. O nosso feminismo tem espinhos. Comemoramos o Dia Internacional da Mulher sem esquecer nem por um minuto que todo dia é dia de lutar por um mundo melhor.

ANEXO 6 - TEXTO POSTADO EM 08/03/2013

É DIA INTERNACIONAL DA MULHER, E QUEM GANHA PRESENTE É VOCÊ

Feliz Dia Internacional da Mulher! Vamos ver como a mídia se comporta desta vez, porque ano passado foi um vexame (depois eu escrevo um post só sobre os papelões publicitários deste ano. Aceito sugestões). Bom, eu nem estou aqui. Estou em Santa Maria, hoje e amanhã, onde darei duas palestras, uma delas em praça pública. Ontem estive em Franca, e na terça, em Ribeirão Preto. E tudo isso é por causa do 8 de março. Fico feliz por estar fazendo a minha parte. Antes de te dar um presentinho, queria incluir, pra comemorar a data, um trechinho de um livro. Por mais que algumas leitoras estejam torcendo o nariz pra Caitlin Moran, ela é feminista, escreveu um livro que tá vendendo muito bem, e está trazendo meninas novas pro feminismo. Além do mais, ela escreve bem e é divertida. Portanto, deixo aqui um trecho de Como Ser Mulher: "O que vou pedir que vocês façam é dizer: 'Sou feminista'. De preferência, gostaria que vocês ficassem em pé em cima de uma cadeira e berrassem: 'SOU FEMINISTA' – porque eu acho que tudo fica muito mais emocionante se você sobe em cima de uma cadeira. É realmente muito importante que você diga essas palavras em voz alta. 'SOU FEMINISTA'. Se você acha que não consegue — nem mesmo com os pés no chão —, eu ficaria preocupada. Essa é provavelmente uma das coisas mais importantes que uma mulher tem a dizer na vida, além de 'Eu te amo', 'É menino ou menina?', e 'Não! Eu mudei de ideia! Não corte a minha franja!' Diga. DIGA! DIGA AGORA! Porque, se você não for capaz, é como se estivesse se inclinando e dizendo: 'Chute a minha bunda e leve o meu voto, por favor, patriarcado'. [...]"

Precisamos retomar a palavra 'feminismo'. Precisamos muito, mas muito mesmo pegar de volta a palavra 'feminismo'. Quando aparecem estatísticas dizendo que apenas 29% das mulheres norte-americanas se descrevem como feministas — e apenas 42% das inglesas — [notinha minha: 31% das brasileiras], eu penso: o que vocês acham que feminismo é, moças? Que parte da 'liberação das mulheres' não é para vocês? Será que é o direito de votar? De não ser uma posse do marido? A campanha por equivalência salarial? A música 'Vogue', da Madonna? As calças jeans? Será que todas essas coisas IRRITAM VOCÊ? Ou será que você só ESTAVA BÊBADA NA HORA DA PESQUISA?" (Como Ser Mulher 62-8). Ha ha, ela é muito fofa! Convenhamos que esse trecho é irrepreensível, vai. Então é isso, gente. O mínimo que você que ainda não se assumiu feminista pode fazer hoje é dizer SOU FEMINISTA. Eu nem ligo se você não subir numa cadeira. Porque hoje não é dia de receber parabéns e rosas. É um dia de luta. De celebrar conquistas. De discutir tudo que ainda precisa ser feito. Eu finalmente, até que enfim, aleluia, darei um presente a você. Uma coisa que talvez um entre dez emails que eu recebo pede: sugestões de leitura feminista.

Antes de mais nada, muitas de vocês provavelmente já conhecem todos esses livros, e talvez já tenham lido a maior parte. Mas este post de hoje é principalmente pras centenas de leitorxs jovens que vem a este bloguinho. E que não se sentem feministas o bastante por não terem lido alguma teoria. Pra começar, alguns clássicos absolutos do

feminismo, em português, em PDF. O que mais você pode querer? É só clicar e começar a ler ou reler (peguei boa parte deles do [Livros Feministas](#)):

[Um Teto Todo Seu](#), de Virginia Woolf (1929). Escritoras mulheres combatem o patriarcado.

[O Segundo Sexo](#), de Simone de Beauvoir (1949). "Não se nasce mulher, torna-se mulher". Dividido em duas partes. O segundo volume [está aqui](#).

[A Mística Feminina](#), de Betty Friedan (1963). O livro que revolucionou os EUA está comemorando meio século este ano. Mesmo datado em alguns momentos (o que é inevitável), continua sendo importantíssimo pra história.

[Política Sexual](#), de Kate Millett (1969). Considerado por muitos o primeiro livro de crítica literária feminista. É bem acadêmico.
[A Mulher Eunuco](#), de Germaine Greer (1971). Clássico da segunda onda feminista, importante para entender a misoginia.

[Against Our Will: Men, Women and Rape](#), de Susan Brownmiller (1975). Um livro [poderoso](#) (em inglês) sobre a cultura de estupro. Pelo menos o atendimento às sobreviventes tá [melhor hoje](#) que naquela época.

[Gordura é uma Questão Feminista](#), de Susie Orbach (1978). Uma proposta libertadora para aceitar seu próprio corpo.
[Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity](#), de Judith Butler (1990). Apesar de difícil de ler, Butler é fundamental (existe uma tradução brasileira publicada em 2008 chamada Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade, mas não sei se tem link).

[Backlash: O Contra-Ataque na Guerra Não Declarada contra as Mulheres](#), de Susan Faludi (1991). Um livro incrível e muito bem escrito sobre a reação conservadora ao feminismo nos anos 1980, contra-ataque que continua até hoje.

[O Mito da Beleza: Como as Imagens de Beleza são Usadas contra as Mulheres](#), de Naomi Wolf (1992). Faça as pazes com seu corpo. É uma das primeiras coisas que você tem que fazer. Este é o tipo de livro que muda sua vida.

[Memórias da Transgressão: Momentos da História da Mulher do Século XX](#), de Gloria Steinem (1995). A lendária fundadora da primeira [revista feminista](#), a Ms., fala de tudo um pouco.

[Feminism is for Everybody: Passionate Politics](#), de bell hooks (2000). Não encontrei este livrinho em português (a [Nádia traduziu](#) parte do primeiro capítulo). Uma narrativa inspiradora da mais inclusiva das feministas. Esses livros talvez não sejam tão clássicos quanto os de antes, mas são muito relevantes mesmo assim. É só clicar.

Our Blood: Prophecies and Discourses on Sexual Politics, da feminista radical Andrea Dworkin (1976)

Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno, de Elisabeth Badinter (1980)
Eu Nem Imaginava que Era Estupro, de Robin Warshaw (1988)

Gênero, Corpo, Conhecimento, de Alison M. Jaggar e Susan R. Bordo (1988)

Teoria Feminista e as Filosofias do Homem, de Andrea Nye (1988)

Os Monólogos da Vagina, de Eve Ensler (1996). Um espetáculo teatral sobre muitas vaginas. Tem um vídeo legendado.

Gênero e Ciências Humanas: Desafio às Ciências desde a Perspectiva das Mulheres, de Neuma Aguiar (org) (1997)

O Feminismo Mudou a Ciência?, de Londa Schiebinger (1999)
Manifesto contra-sexual, de Beatriz Preciado (2002). Escrevi sobre ela.
Feminismo e Luta das Mulheres, da Sempreviva Organização Feminista (Miriam Nobre, Nalu Faria, Maria Lúcia Silveira, 2005)

Feminist Thought: A More Comprehensive Introduction, de Rosemarie Tong (2009)
The Industrial Vagina: The Political Economy of the Global Sex Trade, de Sheila Jeffreys (2009)

Vamos Aprender a Votar? Guia Feminista para as Eleições (2012)

Muitos outros links

A jornalista e professora universitária Maíra Kubik Mano tem excelentes recomendações na sua biblioteca, com links. Neste ótimo tumblr, Feminismo Muda o Mundo, tem muito mais livros pra baixar. Inclusive mais dois da bell hooks, We Real Cool: Black Men and Masculinity, e Where We Stand: Class Matters. Outro tumblr fantástico é o Biblioteca Comunitária: são dezenas de títulos, não apenas feministas, mas necessários, como vários de Foucault e de Edward Said. Aqui, por exemplo, tem Are Prisons Obsolete?, da Angela Davis. E um monte da Butler. Você também pode baixar vários títulos na Biblioteca Feminista. Além disso, a Universidade Livre Feminista oferece cursos grátis pra fazer online. O próximo, Reflexões Feministas sobre o Sistema Político, aceita inscrições até 18 de março. Aqui você encontra muitos livros e artigos sobre gênero (principalmente artigos de e sobre Butler). Acabei de conhecer este blog, Ensaios de Gênero, tocado por três rapazes feministas. Além de ter excelentes discussões acadêmicas, traz também links para vários periódicos. O Feminismo na Rede traz uma lista intensa de títulos divididos por área.

Não tem links, mas as sugestões já valem a pena. Olhando algumas dissertações e teses expostas no Instituto de Estudos de Gênero, é possível ter uma ideia do que vem sendo produzido no Brasil. O IEG também disponibiliza alguns livros

eletrônicos prontinhos pra ler. Ah, e seus problemas acabaram. A Oxford recomenda bibliografias para várias áreas, inclusive Gênero e Infância, Gênero e Antropologia, Gênero e Sexo, Gênero e Crime, Relações Internacionais, Gênero e Mídia, e por aí vai. A seguir ofereço uma lista de vários outros livros que devem ser lidos, mas não os encontrei disponíveis online. Por favor, se você encontrar, deixe o link nos comentários.

Margaret Mead, *Sex and Temperament in Three Primitive Societies* (1963). Outro clássico que completa meio século. Texto clássico da antropologia que mostra que papéis de gênero são socialmente construídos. Só encontrei isso online.

Maya Angelou, *I Know Why the Caged Bird Sings* (1969)

Hélène Cixous, "O Riso da Medusa" (manifesto de 1975 sobre escrita feminina; aqui, vários artigos dedicados ao texto)

Laura Mulvey, "Prazer Visual e Cinema Narrativo" (artigo de 1975 que segue sendo referência em teoria do cinema; só encontro uma entrevista dela)

Shulamith Firestone, *A Diáletica do Sexo, um Estudo da Revolução Feminista* (1976)

Monique Wittig, "O Pensamento Hétero" (artigo que na realidade é um discurso de 1978)

Judith Fetterley, *The Resisting Reader: A Feminist Approach to American Fiction* (1978)

Sandra Gilbert e Susan Gubar, *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-century Literary Imagination* (1979)

Carol Gilligan, "In a Different Voice: Women's Conceptions of Self and of Morality" (1982), artigo clássico sobre diferenças psicológicas entre meninos e meninas.

Donna Haraway, *Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo Socialista no Final do Século XX* (1985). Em outras palavras, como seria viver num mundo pós-gênero?

Joan Scott, "Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica" (artigo de 1986 que discute a dualidade entre sexo e gênero)

eGender and the Politics of History (1999)

Gloria Anzaldúa, *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987)

Raewyn Connell, *Gender and Power* (1987)

Teresa de Lauretis, *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film, and Fiction* (1987) e *The Practice of Love: Lesbian Sexuality and Perverse Desire* (1994)

Emily Martin, "The Egg and the Sperm: How Science Has Constructed a Romance Based on Stereotypical Male-Female Roles" (1991) (artigo clássico de biologia)

Gloria Hull e Patricia Bell (org), *But Some of Us are Brave: All the Women are White, All the Blacks are Men* (1993)

Maria Amélia de Almeida Teles, *Breve História do Feminismo no Brasil* (1993)

Susan Okin, "Gênero, o Público e o Privado" (artigo de 1998 sobre a esfera pública e privada para cada gênero)

Pierre Bourdieu, *A Dominação Masculina* (1999)

Cecília Toledo, *Mulheres: O Gênero nos Une, a Classe nos Divide* (2001). Tem uma resenha sobre o livro aqui.

Elaine Showalter, *Inventing Herself: Claiming a Feminist Intellectual Heritage* (2001)

Tania Navarro Swain, "Feminismo e Representações Sociais: A Invenção das Mulheres nas Revistas 'Femininas'" (artigo de 40 páginas de 2001) e *Feminismo: Teorias e Perspectivas* (2000)

Heleieth Saffioti, *Gênero, Patriarcado, Violência* (2004)

Elisabeh Badinter, *Rumo Equivocado: O Feminismo e Alguns Destinos* (2005)

Michelle Perrot, *As Mulheres ou Silêncio da História* (2005)

Susana Funck e Nara Widholzer (org), *Gênero em Discursos da Mídia* (2005)

Ana Maria Gonçalves, Um Defeito de Cor (2006), livro de 950 páginas sobre a escravidão no Brasil. Marina Castañeda, O Machismo Invisível (2006). Estou lendo e amando! Prometo escrever sobre ele. Aqui tem alguns fichamentos. Jacklyn Friedman e Jessica Valenti (org), Yes Means Yes: Visions of Female Sexual Power and a World without Rape (2008) Carolina dos Santos de Oliveira, Adolescentes Negras: Relações Raciais, Discurso e Mídia Impressa Feminina na Contemporaneidade Brasileira (2010) (guest post aqui) Laurie Penny, Meat Market: Female Flesh under Capitalism (2011)

Mary Del Priori, Histórias Íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil (2011) Tina Chanter, Gênero: Conceitos-Chave em Filosofia (2011) Amana Mattos, Liberdade, um Problema do nosso Tempo: os Sentidos da Liberdade para os Jovens no Contemporâneo (2012) (guest post aqui) Cordelia Fine, Homens Não São de Marte, Mulheres Não São de Vênus (2012), mostra que não há diferença entre o cérebro de homens e de mulheres (resenha). Regina Navarro Lins, A Cama na Varanda (1997) e O Livro do Amor (2012)

Saiu uma lista da revista feminista Ms. sobre os cem melhores livros de não-ficção de todos os tempos. Claro, ela é totalmente centrada nos EUA, e celebra (merecidamente) a bell hooks -- três de seus livros ficaram entre os dez melhores. Decidi botar a mão no bolso (o que vai contra meus princípios pão-durísticos!) e adquirir algumas dessas obras. Os que eu comprei: Robin Morgan (org), Sisterhood is Powerful: An Anthology of Writings from the Women's Liberation Movement (1970) Gerda Lerner, The Creation of Patriarchy (1987) Gloria Steinem, Outrageous Acts and Everyday Rebellion (1995) Barbara Ehrenreich, Nickel and Dimed: On (Not) Getting by in America (2001). Já li e é muito bom, só que um pouco repetitivo. Mostra que na terra das oportunidades não é possível sobreviver tendo só um emprego que paga salário mínimo. Ariel Levy, Female Chauvinist Pigs: Women and the Rise of Raunch Culture (2006) Julia Serano, Whipping Girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity (2007), livro referência sobre transfeminismo. Gail Collins, When Everything Changed: The Amazing Journey of American Women from 1960 to the Present (2010) Jennifer L. Polzner, Reality Bites Back: The Troubling Truth about Guilty Pleasure TV (2010) Peggy Orenstein, Cinderella Ate My Daughter: Dispatches from the Front Lines of the New Girlie-Girl Culture (2011), tô lendo e adorando; é delicioso. Eu compro bastante livro usado da Estante Virtual. Vem em ótimo estado e chega rápido. Mas pra livro que não tem no Brasil, recomendo que você, antes de comprar, sempre compare os preços com o Book Depository. A vantagem é que o site britânico não cobra taxa de entrega.

Ah, pouco a ver com o resto do post, mas talvez alguns de vocês se interessem: uma lista com os dez melhores romances LGBT em língua inglesa. Enfim, é isso, gente. Como você pode ver, eu praticamente não incluí nada de ficção, apenas não-ficção. Ficção vai ter que ficar pruma outra lista. Obviamente, esta lista está loooonge de esgotar qualquer assunto. Apenas incluí alguns livros que já li ou que, assim que eu tiver tempo pra respirar, espero poder ler. Por

favor, contribua com mais sugestões (e links) na caixa de comentários. Trolls, não encham, que a conversa ainda não chegou no estábulo. Fecho com uma frase da História do Rei Transparente, da espanhola Rosa Monteiro: “Sou mulher e escrevo. Sou plebeia e sei ler. Nasci serva e sou livre”.